

Catadores de sonhos

BIANCA MENEZES PEIXOTO

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo

2010

CATADORES DE SONHOS

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Tese Apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Professor Doutor Odair Furtado.

SÃO PAULO

2010

BANCA EXAMINADORA:

.....

.....

.....

.....

.....

São Paulo,de.....de 2010

Para minha mãe, Maria Elizabeth (in memoriam). Aos afetos dedicados, minha eterna gratidão e carinho.

EPÍGRAFE

Para os pobres, os ambientes urbanos, se não revelam suficientemente o seu desastre ecológico, revelam facilmente o seu caráter excludente, expulsivo. Para o que se beneficia de privilégios, pode não ser perceptível que os espaços citadinos, para o humilhado, carregam um sofrimento político corrosivo: são espaços imantados pelo poder de segregar, pelo poder de sempre atualizar a desigualdade de classes.

José Moura Gonçalves Filho

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ABF – Associação Brasileira de *Franchising*.

AFRAS – Associação de Franquia Solidária.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

COOPER-ATIVA – Cooperativa de Coleta Seletiva da Zona Sul.

COOPERCAP – Cooperativa de Coleta Seletiva da Capela do Socorro.

COOPERE – Cooperativa Central de Triagem da Sé.

CUT/CNM – Confederação Nacional dos Metalúrgicos.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

FATES – Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MNC – Movimento Nacional de Catadores.

PET/ Cod 01 – Politereftalato de etileno.

PE-HD ou HDPE/ PEAD/ Cod 02 – Polietileno de Alta Densidade.

PE-LD ou LDPE/ PEBD/ Cod 04 – Polietileno de Baixa Densidade.

PEV – Postos de Entrega Voluntária.

PP/ Cod 05 – Polipropileno.

PS/ Cod 06 – Poliestireno.

PVC/ Cod 03 – Policloreto de vinilo.

O/ Cod 07 – Outros materiais (PC ou resina ABS).

ONG – Organização Não Governamental.

ONU – Organização Nação Unidas.

OAF - Organização de Auxílio Fraternal

SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão.

UBS – Unidade de Básica de Saúde.

LISTA DE FOTOS, EVENTOS, IMAGENS COOPERATIVA

Foto Logo Cooperativa.....	89
Foto equipe Cooperativa – Campanha reciclar	90
Processo de produção: Coleta Porta a Porta	91
Processo de produção: esteira e triagem para os Begues.....	92
Processo de produção: triagem esteira e separação begues.....	93
Processo de produção: prensa de papelão e papel	94
Processo de produção: retirada de material e carregamento de caminhão	95
Processo de produção: modelo de controle de despesas e rateio	96
Processo de produção: modelo de controle de produção por cooperado/turno	97
Processo de produção: modelo de controle de produção – controle da Hiplan de rota de coleta porta e porta e nota de pesagem	98
Foto da visita da Prefeita Marta Suplicy	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – Dimensões do trabalho formal	15
1.1 Sentidos do trabalho para o sujeito cooperado	16
1.2 Dinâmica do trabalho na cooperativa	20
1.3 Processo e produtividade	23
1.4 Estatuto, consciência e realidade	26
CAPÍTULO II - Catadores de Sonho: objetivos e perspectivas	29
2.1 Cenário da Pesquisa	30
2.2 Objetivos e perspectivas	32
2.3 A Pesquisa na cooperativa.....	34
2.4 Procedimento de análise do material coletado	36
2.5 Relatos e conversas: a materialidade da pesquisa	38
2.6 Personagens da vida real na construção da rede de relacionamentos da cooperativa.....	39
2.7 Análise contínua das informações coletadas	40
CAPÍTULO III - O costume dos prazeres: a naturalização da desigualdade social	42
3.1 Desigualdade social: produto do sistema social.....	43
3.2 Catadores de lixo: profissão para inclusão social?	49
3.3 Rede social e dinâmica da exclusão	48
CAPÍTULO IV – Panorama político e realidade social	53
4.1 Cenário econômico e relação com o tema	55
4.2 Inclusão social e sustentabilidade	60
CAPÍTULO V - Análises finais	64
BIBLIOGRAFIA	65
ANEXOS	74

RESUMO

A Pesquisa, formulada a partir do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, tem como objetivo fazer uma leitura acerca do sentido da inclusão social pelo trabalho formal na iniciativa de projeto social da Cooperativa de Coleta Seletiva da Capela do Socorro (COOPERCAPS) em São Paulo. Através da pesquisa qualitativa, foi possível analisar no discurso dos sujeitos envolvidos se essa iniciativa representa um dispositivo para a transformação e a integração deste sujeito à sociedade. Para tanto, parti das referências relatadas nas histórias de vida dos sujeitos envolvidos que possibilitaram identificar categorias definidas - noção de dignidade e transformação social - e correlacioná-las aos discursos a fim de estabelecer reflexão sobre o tema.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é compreender, através do discurso dos sujeitos envolvidos, se a iniciativa social da cooperativa representou um movimento de mudança e transformação estrutural - dispositivo de inclusão social - ou se representa uma ação assistencial e, portanto, somente ajustamento na trajetória da vida de um determinado sujeito.

O trabalho de campo foi desenvolvido através da metodologia da pesquisa participante, utilizando a análise de discursos das conversas cotidianas e categorização dessas com os sujeitos relacionados ao fenômeno e à rede social da cooperativa.

O local da coleta de informação foi o ambiente de trabalho dos sujeitos envolvidos, a cooperativa COOPERCAPS, onde tive a oportunidade de participar do ambiente de produção e trabalho em todos os turnos e setores. Na pesquisa, identifiquei atividades e características do trabalho e da rede de relacionamentos na cooperativa, assim como as condições relacionadas aos trabalhadores envolvidos.

A contribuição que trago através desta pesquisa permite uma melhor compreensão dessa iniciativa social presente como um suposto dispositivo de mudança estrutural na tendência de integração à cidadania e, assim, compreender quais serão os caminhos concretos para potencializar iniciativas de inclusão para uma sociedade mais igualitária.

Palavras chave: Psicologia, Inclusão Social, Trabalho formal, Cooperativa, Integração Social, Desigualdade Social.

ABSTRACT

The survey, based on the Program of Postgraduate Studies in Social Psychology, aims at understanding the meaning of social inclusion through formal work on the social project initiative of the Cooperative of Selective Garbage Collection of Capela do Socorro (COOPERCAPS) in São Paulo. Using a qualitative research, it was possible to analyze in the speech of the people involved in that project if that initiative represents transformation and integration of those people into society. The starting point for such analysis were their life stories which allowed me to identify the defined categories -- sense of dignity and social transformation -- and to correlate them with the discourses in order to establish reflection upon the subject.

Thus, the purpose of this research is to understand, through the discourse of the subjects involved, if the social initiative of the cooperative represents a movement of both change and structural transformation -- device of social inclusion -- or if it represents a supportive action, therefore just an adjustment in the life trajectory of a given subject.

The field work was conducted using the participatory research methodology by means of a discourse analysis of daily conversations and their categorization with the subjects related to the phenomenon and to the social network of the cooperative.

The place of data collection was the work environment of the subjects involved -- the cooperative COOPERCAPS -- where I had the opportunity to participate in the production and work environment of all cooperative shifts and sectors. In the survey, I identified the activities and the characteristics of the work and of its relationship network as well as the conditions related to the workers involved.

The contribution I bring to the field allows a better understanding of that social initiative as a supposed device of structural change for citizenship integration, therefore better understanding the ways to enhance inclusion initiatives in order to create a more egalitarian society.

Keywords: Psychology, Social Inclusion, Formal Labor, Cooperative, Social Integration, Social Inequality.

INTRODUÇÃO

Rosângela andava pelas ruas de São Paulo, tentando ganhar alguns trocados, fazendo serviços pequenos como vender balas em saquinhos no sinal ou catar lixo para revender para reciclagem local. A mãe de Rosângela era alcoólatra, não oferecia estrutura familiar ou valores de família, conforme ela mesma costuma comentar. Rosângela vivia cada dia como se fosse o último de sua vida. A rua trazia-lhe um prazer sobrenatural, uma sensação de liberdade incondicional, pois não precisava dar satisfação de sua vida para ninguém. Assim, tudo lhe parecia mais fácil de resolver, mesmo na pobreza e miséria à qual estava habituada. Essa condição de vida ou sobrevivida, como ela mesma diz, parecia não ter solução. A cada parada dos carros nos sinais de trânsito, Rosângela tentava vender balas - balas recusadas todos os dias. Aliás, os vidros dos carros que param nos sinais vermelhos nem sequer são abertos, seja por motivo de segurança ou por aqueles que estejam dentro dos carros considerarem que aquele dinheiro dado não tira o sujeito da condição de miséria, mas sim o mantém nela. Hoje, Rosângela chama-se Rosângela Aparecida Honorato e se nomeia cooperada profissional de reciclagem de resíduos sólidos da COOPERCAPS.

Rosângela foi “resgatada” das ruas pelo marido, que lhe deu abrigo e lhe mostrou o que é uma unidade familiar, como relata. Mas ela também conheceu, nessa união, o problema do alcoolismo e das agressões por parte do marido. Já casada, ela administrava a casa e trabalhava todos os dias, dando sustento às suas duas filhas.

O que mais nos chama atenção no relato de Rosângela é a sua noção de dignidade e de transformação social pela inclusão. Ela nunca viveu uma “condição de branca”. “Você sabe o que é condição de branca?”, pergunta. A condição em que o sujeito está inserido dentro de um ambiente que lhe dá acesso à educação, moradia, alimentação etc.

Rosângela foi indicada pela Instituição Alto de Souza¹ para trabalhar em uma cooperativa conhecida como “recicladora de famílias”. Nessa cooperativa, ela buscou o resgate de sua dignidade e uma fonte de renda para sustentar suas filhas.

¹ Instituição composta por equipes de bairros/comunidades que fornecem auxílio para pessoas carentes.

Foi onde aprendeu não apenas a exercer a profissão de catadora, mas também o que significa capacidade de compra e de organização do orçamento. E foi isso que lhe permitiu pagar os livros da escola de suas filhas e estabelecer sonhos para o futuro. Tais sonhos nos remetem à transformação da condição de vida desse indivíduo para uma condição melhor que lhe proporcione sua própria fonte de renda e possibilidade de elevar o patamar da família, permitindo-lhe, assim, que seus filhos tenham melhor acesso à escola ou, simplesmente, uma condição de vida mais digna, com saúde e moradia.

Entretanto, esse processo de adaptação não se estabelece de uma hora para outra. Essa mulher, de “condição de preta”², passou, gradativamente, pelo processo de “desintoxicação” das ruas para o de adaptação ao trabalho na cooperativa. Segundo Rosangela, não é de um dia para outro que se aprende a ser civilizado, conforme as normas do ambiente de trabalho formal. Para esse processo de aprendizagem, ela contou com a ajuda dos colegas de trabalho para aprender a colocar o uniforme, a comportar-se, a seguir as regras de boa conduta, assim como a descrever e a aplicar o material reciclado. É um passo muito importante para alguém que não tinha referências nem vínculos sociais: sair das ruas e tornar-se uma profissional, uma C-A-T-A-D-O-R-A. Rosangela também poupou dinheiro para comprar um terreno e construir sua própria casa, o que possibilitou às suas filhas contarem orgulhosamente na escola que a mãe trabalhava como catadora em uma cooperativa. Durante a minha conversa com Rosangela para a coleta de dados desta pesquisa, a palavra mais utilizada por ela foi Dignidade: ter dignidade e ser respeitada como uma cidadã comum.

Os relatos registrados neste trabalho descrevem a questão que debatorei nesta dissertação. Cada sujeito da rede social da cooperativa fornece-nos elementos de seu discurso, significados e subjetividades atrelados à integração social, mudança e transformação na trajetória de suas vidas. A cooperativa é um exemplo de economia solidária que recebe uma parcela da população que não consegue trabalho formal no mercado. Conversando com os cooperados, no dia a dia da cooperativa, é comum ouvir relatos daqueles que foram trabalhar lá para garantir uma fonte de renda e que acreditam que, através dela, conseguirão um trabalho melhor.

² Expressão usada pela cooperativa como oposta à “condição de branca”. Significa que aquele sujeito é discriminado e/ou marginalizado pela sociedade.

A realidade que relato nesta pesquisa ocorre tanto na capital de São Paulo como nos outros 38 municípios que compõem a região metropolitana, representando um aglomerado urbano de 19 milhões de habitantes, o quarto maior do mundo. Nessa megametrópole, a reciclagem de resíduos sólidos corresponde a menos de 3% do total de lixo produzido diariamente. O tratamento do lixo abrange aspectos que passam da geração, armazenamento, coleta e transporte do lixo até o tratamento, reciclagem ou destinação final de resíduos sólidos de qualquer natureza, gerados ou introduzidos no município³.

A questão da reciclagem na cidade torna-se mais grave porque a política pública que existe para a questão do lixo no município não é efetiva a ponto de atender a necessidade da regulamentação das iniciativas de trabalho. Assim, questões como coleta e reciclagem, suas condições de trabalho e sua rede de relacionamentos sociais, de melhoria de vida e de integração social não estão a par do governo. Desse modo, ainda há muito a ser feito para educar a população em relação aos processos organizados de coleta seletiva, assim como para estabelecer uma política de fiscalização em prol da saúde urbana a fim de garantir que toda a população seja atendida na coleta domiciliar.

Cabe à sociedade cumprir com as exigências legais de acordo com o instituído pelo Código Sanitário do Município de São Paulo (conforme consta no site da prefeitura⁴), indicando que o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC), disponibilizado aos moradores, atende notificação e/ou reclamação sobre a limpeza da cidade. Dentre as modalidades disponíveis, estão: ateamento de fogo no lixo; atraso na coleta de resíduos de serviço de saúde; atraso na coleta de lixo domiciliar; ausência ou atraso na varrição; ausência de limpeza nas calçadas (particulares); entre outras.

Já a rede social de reciclagem, na qual se insere a realidade desse indivíduo marginalizado, busca alternativas de inclusão e encontra, como uma das consequências da necessidade de reciclagem, o trabalho formal de cooperativas que gera profissões e possibilidades de articulação social dentro da rede de relacionamento empregatícia formal. Essa cadeia de acontecimentos e efeitos sobre o aspecto do trabalho está além ou depois do ato que nós, integrantes da sociedade

³ De acordo com o primeiro parágrafo do Código Sanitário do Município de São Paulo, publicado em 9 de janeiro de 2004 pela então prefeita Marta Suplicy, "os proprietários de imóveis residenciais ou legalmente estabelecidos são responsáveis pela disposição adequada de resíduos provenientes da manutenção e criação de animais, de acordo com a legislação municipal, estadual e federal vigente".

⁴ <http://sac.prefeitura.sp.gov.br>

em geral, consideramos como final: jogar nosso lixo nas ruas, ou em qualquer outro lugar inadequado, ou depositá-lo nas lixeiras de nossas residências, de nosso local de trabalho, ou mesmo nas lixeiras públicas. Até que ponto estamos desempregando pessoas e sujando o nosso planeta com ações de consumo e descarte? Como podemos jogar fora nosso lixo de maneira que ele chegue à rede de triagem do nosso município? Que rede de exclusão é essa que emprega formalmente ex-moradores de rua, ex-presidiários e outros marginalizados? Considero essas reflexões relevantes para provocar uma discussão. Entretanto, são inúmeras as questões que envolvem esse processo; portanto, é difícil respondê-las.

Neste trabalho, mantive o desconforto de trabalhar com a problemática do desemprego *versus* a perspectiva de inclusão social através do emprego formal da cooperativa como meu maior desafio. É necessário construirmos uma sociedade em que nossa sobrevivência dependa do amadurecimento dessas questões de forma a garantir uma condição humana mais igualitária. Por isso, acredito ser de grande importância atentarmos para o quanto naturalizamos as construções de desigualdade como produto ou subproduto de um sistema atual de consumo e rede social. Considerando o entendimento dessa problemática, seremos capazes de transformar os movimentos que assistem essas condições de existência do trabalhador em dispositivos de mudança representativos para essa sociedade que busca a sustentabilidade.

O cenário de pobreza é analisado por Bauman (2007) como sendo considerado intolerável pelo conjunto da sociedade de maneira que os pobres são obrigados a viver em uma condição de isolamento. Conforme argumenta Bauman (2007), a *heterogeneidade dos pobres* representa um fenômeno da degradação do mercado de trabalho e o recurso à assistência se traduz em uma crescente diversificação de pobres oriundos de diversas categorias sociais. Assim, o autor o automeia de *desqualificação social*, conceito associado ao movimento de expulsão gradativa do mercado de trabalho de camadas cada vez mais numerosas da população. Nesse conceito de desqualificação social, o autor valoriza o caráter multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza e o *status* social dos pobres socorridos pela assistência. Dessa forma, a desqualificação corresponde a uma de suas possíveis formas de relação entre a população designada como pobre e a sua função de dependência dos serviços sociais e do resto da sociedade. As características desse fenômeno são a desqualificação dos assistidos (apelo

permanente pelos serviços de assistência social); a assistência como fator de regulação social ou ajustamento dos sistemas sociais; o fato de os pobres permanecerem sempre desprovidos da possibilidade de reação; e assim por diante.

Por fim, concluo, a partir desse cenário de exclusão anteriormente descrito, que a degradação do mercado de trabalho representa um dos fatores que contribui para o processo evolutivo da pobreza. Através da pesquisa, confirmamos o entendimento de que, esses discursos produzem subjetividades que ratificam a relação suposta entre o meio ao qual está inserido este sujeito e as possibilidade de inclusão social e portanto de transformação na sua condição exclusão.

CAPITULO I

Dimensões do trabalho formal



“O pensamento da exclusão e luta contra a ‘exclusão’ correspondem, assim finalmente, a um tipo clássico de focalização da ação social: delimitar zonas de intervenção que podem dar lugar às atividades de reparação. Uma tal construção é compreensível. Parece mesmo mais realista ater-se em problemas para os quais a ação social pode mobilizar recursos próprios. Toda a tradição da ajuda social vai, aliás, nesse sentido. Ela se desdobra caracterizando ‘populações-alvo’ a partir de um *déficit* preciso. Foram assim cristalizadas categorias cada vez mais numerosas de populações advindas de um regime especial: inválidos, deficientes, idosos ‘economicamente frágeis” (CASTEL, 2007, p.29)

1.1 - Sentidos do trabalho para o sujeito cooperado

O grande galpão está movimentado no início de turno. É quando os cooperados tomam o café da manhã, servido no refeitório - um anexo ao galpão de triagem, situado no segundo andar. Lá todos podem tomar café com leite e comer pão com manteiga fresquinho. O espaço de convivência também é o espaço de descanso dos trabalhadores da cooperativa. A televisão fica ligada o tempo todo e os que não conversam entre si “conversam” com a televisão. Cada mesa acomoda quatro cooperados que compartilham e trocam experiências pessoais, relatam situações de suas vidas particulares. Os que “conversam” com a televisão comentam sobre as notícias ou criticam os artistas da “telinha”. Alguns trazem acessórios para incrementar o café e os oferecem aos colegas da mesa. Pratos, xícaras, talheres, tudo é de segunda mão e fica disponível na mesa lateral, onde cada um se serve da quantidade que quiser. Depois do café, cada um coloca o que usou na janelinha para a “Tia Marta” lavar. As atividades na pequena cozinha já começam às sete horas da manhã para preparar o almoço, que é servido, pontualmente, às doze horas. Assim, podemos sentir o cheirinho da comida do almoço ainda no café da manhã.

A estrutura da cooperativa, da cozinha ao vestiário, é custo operacional do cooperado. A natureza organizacional do estatuto indica que cada trabalhador é “sócio” do resultado que produz, do ambiente que cultiva no dia a dia da reciclagem e está ali, indivíduo presente, usando de seu recurso físico como construtor de sua produção. Todo o custo da cooperativa é a garantia de sua condição de trabalho; portanto, custeado pelo próprio trabalhador - como o caminhão, por exemplo, que chega com o lixo para despejá-lo na esteira. Assim, quando um cidadão comum descarta seu lixo em uma unidade de “recicláveis”, em sua casa ou apartamento, no município de São Paulo, inicia-se um novo ciclo para aquele que, por algum motivo, também fora descartado anteriormente e que, agora, está na condição de trabalhador. Por isso, alguns na cooperativa se referem à mesma como “recicladora de vidas”.

Quando o caminhão despeja o lixo é que se inicia a produção desse novo ciclo produtivo: aquela rotina de triagem, os cooperadores, agentes desse processo, em sua nova condição social diante do tratamento do lixo da cidade. A partir dessa

relação que os trabalhadores constroem na cooperativa é estabelecido um novo vínculo com o trabalho e, portanto, reinserção no mercado de trabalho formal.

A cooperativa é, por definição, um grupo de pessoas que geram condições de produção e trabalho por meio de uma estrutura da qual fazem parte. Cabe a cada uma delas o direito a um voto nas assembléias a fim de administrar esse coletivo. O objetivo da cooperativa é oferecer estrutura para que seus cooperados alcancem melhores condições econômicas e sociais⁵. Por isso, não possui finalidade lucrativa; o cooperado é ao mesmo tempo usuário e dono da cooperativa. Assim, enquanto dono, o cooperado deve administrar à cooperativa e, enquanto usuário, deve utilizar os seus serviços.

Entretanto, o sentido correto dessa propriedade por parte do cooperado é no sentido de usuário. Notei, ao conversar com os veteranos, acompanhando seu trabalho no dia a dia, que os cooperados precisavam de uma liderança administrativa que lhes dissessem o que fazer. Existe, de forma predominante, o sentimento de encantamento da possibilidade de integração social como mudança da condição social. O cooperado quer ser liderado, quer ser “salvo”, assumindo, assim, o papel de “catador de lixo – cooperado” com orgulho.

Na cooperativa, cada um tem o seu apelido e história de vida resguardada. Não se identificam uns com os outros pela sua origem nem por terem sido um indivíduo discriminado, humilhado⁶. Normalmente, o trabalhador chega à cooperativa por indicação de um parente e, preferencialmente, para trabalhar no turno da manhã. Mesmo os novos cooperados sabem que esse é o turno que “dá maior produção” e o turno da tarde “dá mais o caminhão da mistura⁷”.

Diogo é um pernambucano de dezenove anos e veio para São Paulo tentar a vida. Aprendeu o ofício de prensar com Dona Margarete, sua sogra, na cooperativa. A mistura de papel e poeira dificulta o processo de prensagem e, após finalizar uma prensa, parece que corremos quilômetros. A condição para operar a prensa impõe força nas mãos para pegar grande quantidade de material e arrumar na prensa. A posição do corpo é muito sacrificante para as costas, e as pernas ficam exaustas.

⁵ A Legislação aplicável às cooperativas é a lei n 5. 764 de 16 de dezembro de 1971.

⁶ O termo Humilhação aqui referenciado é o utilizado por Segundo José Moura, a humilhação sofrida pelos pobres e seus ancestrais é efeito da desigualdade política, indica a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra. Mas é também de dentro que, no humilhado, a humilhação vem atacar. Ela vale como uma modalidade de angústia e, nessa medida, assume internamente – como um impulso mórbido – o corpo, o gesto, a imaginação e a voz do humilhado.

⁷ Esse é o caminhão de lixo comum. Não vem da coleta seletiva; contém lixo de toda espécie, inclusive hospitalar. Assim, é mais difícil encontrar produtos recicláveis na esteira da “mistura”, caindo a produção. Além disso, o odor desse lixo é bem mais forte.

Por esse motivo, a prensa é uma tarefa mais masculina que feminina e, também, melhor paga que as demais. Diogo foi criado pela avó até os nove anos de idade, em uma cidade de Pernambuco. Como nessa cidade havia poucas oportunidades para os que estavam começando, Diogo buscou a cidade de São Paulo para morar e trabalhar, para aprender um ofício. O *status* de trabalhar na prensa da cooperativa é específico para aqueles que resistem à força. Afinal, é necessário fazer o maior número de blocos possíveis a cada turno. A minha presença como pesquisadora trabalhando na prensa foi marcante para os que passavam. Uns achavam que eu estava, de fato, começando a trabalhar na cooperativa e, por isso, passando pelo “batismo” da prensa; outros pensavam que a coordenação havia me obrigado a aprender a desempenhar aquele trabalho, já que era pesquisadora na cooperativa. Cada cooperado que passava comentava, brincando, com o Diogo: “Não quebra a menina não, heim! Tem mais turno amanhã; estamos precisando de produção”.

A prensa rende, em média, dois blocos de materiais comprimidos por cada turno, o que significa uma boa produção para o período – em torno de cento e cinquenta reais por bloco. Contudo, as caixas molhadas, com material químico, ou poeira, atrapalham o processo de prensar, prejudicando o resultado final. Esses fatores são detalhes do processo de produção muito difíceis de controlar e isolar, pois as caixas que rolam na esteira, assim como os outros itens, passam por tratamento prévio no papelão⁸.

Assim como na história do Diogo, o trabalho formal na cooperativa para muitos significa a primeira experiência real de trabalho formal. O trabalho em que o sujeito deve se submeter a um horário, às metas de produtividade e às normas de convivência social. O sentido de sociedade para o sujeito que saiu de condições de exclusão e virou “sócio” já lhe atribui uma condição de apropriação de algo que ele pode produzir de acordo com a sua própria capacidade, algo que lhe pertence de fato e legitimamente. Dentre os princípios do cooperativismo está a “gestão democrática pelos membros”, em que as cooperativas são organizadas de maneira democrática, controladas pelos seus membros que participam ativamente na formulação de políticas e na tomada de decisões através dos cooperados eleitos representativamente pela maioria. Na apostila de formação dos cooperados, a filosofia de trabalho é passada para caracterizar quais são os direitos e deveres de

⁸ A prensa, de maneira geral, trabalha com papelão e material de caixas. Papel branco ou sintético (papel de revista) não é misturado com papelão; é triado e reciclado de outra forma.

cada cooperado. Esse material didático é nomeado de “Construindo nossa identidade” e aborda temas tais como: ética na vida; serviço social e comunitário; inteligência emocional; gestão participativa; ser humano empreendedor; desenvolvimento sustentável; cooperativa - alternativa para geração de renda, relações intrapessoais e interpessoais; diferenças entre empresa mercantil e cooperativa; estrutura da cooperativa; documentos da cooperativa; dentre outros.

A partir do treinamento, o sujeito tem a possibilidade de assumir a sua função, entendendo como essa contribuirá para a cadeia final do trabalho da cooperativa. Na prática, nem todos fazem o treinamento e, muitas vezes, é necessário fazer uma força tarefa para que as pessoas se reúnam em uma sala e sejam orientadas sobre o processo de trabalho na cooperativa e as condições do cooperativismo. Dessa maneira, o sujeito carrega consigo a história de batalha e lutas da qual se orgulha e, a partir de então, a conquista do *status* de cooperado, entendendo, assim, que conseguirá gerar renda para sua família e sair da condição de miséria e desajuste social pela qual passara. Na esteira, começa a aprender sobre reciclagem, impactos da poluição mundial e política em São Paulo.

Agachada em frente ao lixo, olhando o horizonte, Dona Margarete, coordenadora do turno da manhã, conta que, antes de ser coordenadora do setor, trabalhava em “casa de família” e tinha que tomar conta de duas crianças pequenas. Enquanto contava sua história de vida, ensinava-me o que era reciclável e o que iria direto para o aterro sanitário. Esse ofício ela aprendeu com o marido na própria cooperativa. Veterana, expressa na sua fala a vontade de realizar sonhos e a postura do cooperado que exerce seu papel e compromisso. Líder de turno, ela fica rodando os setores, orientando, ajudando e levando informações para o administrativo. Em todo momento, é necessário efetuar negociações sobre o uso do material e priorizar a dinâmica da produção. *“Papel molhado perde prioridade. Se o jornal secar, é bom; se não, perdemos produção e pronto”*, ela argumenta.

Como a maioria, Dona Margarete começou na esteira. Foi lá que aprendeu a selecionar os objetos e a direcioná-los para os setores de triagem. *“Se você não passa pela esteira, não aprende nada; os nomes dos plásticos são difíceis no início”*, conta. O aprendizado do ofício de catador, o ritual de produção de cada turno, as metas e diretrizes de produção devem ser dominadas por aquele que exerce a função de cooperado, que deve saber desempenhar bem essa função. O que existia antes na história de vida desse sujeito era um passado marcado de ausência e

faltas. Na cooperativa, por outro lado, cada um é um profissional de sua especialidade no setor onde trabalha e também ensina a atividade aos que estão chegando. O sentimento de ensinar um ofício o qualifica como veterano e como profissional da cooperativa.

1.2 Dinâmica de trabalho na cooperativa

As metas e planejamento estratégico para o ano de 2010 e 2011 foram planejados e divulgados em 2009. O comitê da diretoria e a assembléia de cooperados analisam a necessidade de crescimento da cooperativa e firmam as metas que serão atingidas nos três turnos. As metas do ano são baseadas nos números de faturamento de acordo com o aumento da capacidade de triagem em toneladas, do investimento em equipamento e em mão de obra para atingir os objetivos estabelecidos. A partir dessas premissas, é estabelecida a dinâmica dos turnos de trabalho e cada um busca superar-se a cada dia para garantir esses indicadores.

O ano de 2009 foi um ano bastante produtivo; entretanto, muito sacrificante, conta Dona Margarete, coordenadora do turno da manhã. O compromisso com o resultado e a preocupação com o progresso da cooperativa são mais fortes nos veteranos do que nos cooperados mais novos. Exercer o papel de cooperado é difícil para todos. Ao ingressar na cooperativa, é necessário começar a trabalhar imediatamente para garantir o salário no final do mês⁹. Desse modo, o cooperado não tem tempo para compreender exatamente qual é e como exercer plenamente esse papel. Um dos problemas enfrentados na dinâmica do trabalho da cooperativa é o preço dos materiais no mercado mundial de reciclados. A crise de 2009, que também atingiu as cooperativas, extinguiu o turno da noite, permanecendo, somente, o turno do dia. O prejuízo foi de R\$80.000 (oitenta mil reais), compensado, gradativamente, com a ajuda da cota estipulada, dividida para cada cooperado. Essa cota foi paga todo mês como garantia até que o processo da crise retrocedesse e o balanço da cooperativa voltasse ao equilíbrio. Já no mês de outubro de 2009, a

⁹ O salário é composto pela produção de cada dia menos o valor do custo operacional da cooperativa, dividido entre os catadores, caso o balanço do mês seja negativo.

produção foi excelente devido ao evento da Fórmula 1¹⁰. Esse acontecimento motivou a todos os cooperados e foi motivo de orgulho para a diretoria. Afinal, eles passaram por um processo de seleção e foram escolhidos pelos critérios da Braskem¹¹ para serem parceiros do projeto de retirada do lixo reciclado do autódromo durante o evento esportivo. O manifesto “*Preciso amadurecer para ser verde*”, desenvolvido pela campanha publicitária da Braskem, foi divulgado durante o processo de confecção do troféu, feito de material reciclado (PVC).

Outro fator que impacta fortemente a dinâmica de trabalho na cooperativa é a chuva. Apesar das conquistas e batalhas vencidas no ano de 2009, o ano de 2010 começou com muita perda de material. O caminhão chega, deposita o material de triagem¹² na lateral do galpão e fica parado, esperando o cooperado levar aquele material para a esteira. Essa primeira etapa do processo de triagem é totalmente comprometida se o material molha. Tanto o papel quando o papelão, ou mesmo a revista, ficam danificados, impossibilitando dar o tratamento adequado a esse material para que possa ser vendido posteriormente. O material molhado ou sem capacidade de reciclagem segue direto para o final da esteira, que é uma área de descarte e, em seguida, é conduzido ao aterro sanitário, que é a área de disposição final de resíduos. Alguns desses possuem técnicas para usinas de biogás, capazes de gerar energia elétrica para abastecer as populações do entorno do aterro. A usina de Caieiras, por exemplo, já produz cerca de cento e setenta mil MWh de energia elétrica por ano.

Na cidade de São Paulo, o material de triagem, ou melhor, a matéria prima para as cooperativas, é obtido a partir da divisão da cidade em dois grupos de subprefeituras, chamados de agrupamentos. Cada agrupamento é operado por uma concessionária, treze subprefeituras do agrupamento noroeste e dezoito do sudeste. O “*Menos lixo mais vida*” é um programa de Educação Ambiental, realizado em parceria entre a prefeitura de São Paulo, Japan¹³ e JICA¹⁴, que levantam dados e preparam cartilhas para distribuição nas cooperativas cadastradas na cidade,

¹⁰ O evento da Fórmula 1 foi uma parceria junto à empresa Braskem. Naquele evento, os cooperados montaram uma estrutura de captação de material dentro do autódromo. Como resultado, obtiveram 33 mil toneladas de material reciclado durante o evento. (vide anexo foto do troféu)

¹¹ A Braskem é líder da indústria química da América Latina e terceira produtora petroquímica das Américas. Produz artigos como escovas de cabelo ou de dente, mamadeiras, utensílios domésticos, mochilas, embalagens, componentes automotivos, peças de computador, sacolas, fios, cabos, esquadrias de janelas, entre outros objetos feitos de resinas termoplásticas, tais como polietileno, polipropileno e PVC. (<http://www.braskem.com.br>)

¹² O caminhão de triagem é o que recolhe lixo reciclado, mas a cooperativa também recebe o caminhão de prensa, que recolhe lixo misturado.

¹³ *Official Development Assistance*.

¹⁴ Agência de Cooperação internacional do Japão com representação no Brasil.

desenvolvendo o trabalho educativo não só para os cooperados, mas também para outros cidadãos que buscam conhecer o trabalho de reciclagem, como crianças das escolas públicas que costumam visitar as cooperativas. Dados da cartilha registram coleta de quinze mil toneladas de resíduos coletados por dia, compostos por 28% (vinte e oito por cento) de papel papelão, 6% (seis por cento) de plástico e 5% (cinco por cento) de vidro.

A coleta seletiva para os cooperados está relacionada ao ofício de catador e, mais especificamente, à possibilidade de geração de renda. Entretanto, conversando com os cooperados, pude constatar que eles se apropriam dos valores relacionados aos benefícios da coleta, tais como o aumento da consciência ambiental e da vida útil dos aterros sanitários, a inclusão social, a geração de trabalho e a preservação de recursos naturais. Sendo assim, por trás da dinâmica de trabalho cruel a cada dia estão os conceitos de reciclagem e qualidade de vida para a população. Muitos se nomeiam agentes de transformação ambiental e contribuidores para a melhoria do ecossistema.

As centrais de triagem dependem da parceria com a prefeitura para o recebimento do material, o que é um fator de fragilidade para operação na cooperativa, pois essa relação estabelece uma possível confusão com o compromisso da prefeitura ou sua suposta obrigação em fornecer material para a cooperativa. Na verdade, é possível constatar um processo de colaboração do governo para facilitar a operação da cooperativa, já que ela não teria condições de realizar o recolhimento, até porque não seria esse o seu papel. Normalmente, a prefeitura age da seguinte forma em relação às cooperativas: libera o terreno para o funcionamento do galpão; entrega na cooperativa o material da coleta residencial; isenta a cooperativa do pagamento de algumas taxas e impostos; e não costuma fiscalizar as condições de trabalho - como periculosidade e insalubridade.

A partir do que observei na cooperativa, posso concluir que a relação com a prefeitura é confusa em função das condições precárias em que se formaram as cooperativas no Estado. O papel “assistencialista” ficou muito marcado na sustentação e viabilização das centrais de triagem e não há sinais de evolução em que a cooperativa consiga fortalecer-se e superar as condições adversas para operar sem depender dessas concessões pré-definidas.

Andre é cooperado há um ano e trabalha na coleta residencial, modalidade porta a porta. Durante o percurso, pendurado do lado de fora do caminhão, sob sol

forte e muito calor, diz: “Você é pesquisadora? Registra aí que nós somos funcionários especiais, ajudamos a reciclar o lixo dessa cidade, contribuímos para o ecossistema, para melhoria da vida de todas as pessoas e nem sequer temos direito a ter passagem de ônibus de graça como os carteiros, por exemplo...”. Essa dinâmica em que a relação da rede de trabalho passa pela relação com a prefeitura confunde os cooperados e constrói uma expectativa de que os mesmos terão algum tipo de assistência do governo no trabalho e, especialmente, na rotina dura da cooperativa. Dessa forma, podemos concluir que a dinâmica de trabalho é muito volátil e gira em função de muitas variáveis que não possuem controle de risco ou mesmo um plano de ação para contingências. Sendo assim, os resultados oscilam muito e isso provoca instabilidade no ambiente de produção e na motivação dos cooperados.

1.3 Processo e produtividade

Da esteira, o material é separado um a um e jogado em grandes begues¹⁵, havendo, assim, a seleção inicial de plástico, vidro, papel, papelão, e assim sucessivamente. Cada um desses materiais é levado ao setor específico de triagem para que seja retirado e prensado; em seguida, é posto nos caminhões. Esse material prensado é então levado para as empresas de reciclagem.

O segundo processo de triagem setorial é realizado após os begues serem levados para o setor de destino. Eles são carregados para os setores de triagem que ficam nas laterais do galpão: setor de prensa e triagem de plásticos, politereftalato de etileno (PET)¹⁶, policloreto de vinilo (PVC)¹⁷, ferro não ferroso etc¹⁸. Uma vez cheios, são levados para os setores de triagem para prensagem final. Essa função é realizada normalmente pelo coringa, cargo esse que realiza funções diversas durante o turno da cooperativa.

¹⁵ Sacos enormes onde são depositados os materiais que serão levados para o setor de triagem.

¹⁶ PET/ Cod 01: utilizado em garrafas, garrafões e frascos de águas e sumos.

¹⁷ PVC/ Cod 03: Conhecido como vinil, presente em garrafas e frascos de sumos e de condimentos.

¹⁸ Dentre os demais materiais reciclados, estão: o Polietileno de Alta Densidade (PE-HD ou HDPE/ PEAD) Cod 02, que são utilizados em garrafas e frascos de leite, sumos, iogurtes e águas, bem como em sacos plásticos; o Polietileno de Baixa Densidade (PE-LD ou LDPE/ PEBD) Cod 04, que estão presentes em sacos de congelados e frascos de condimentos; o Polipropileno (PP) Cod 05, que é utilizado em caixas de cozinha, potes de iogurte, pratos e copos descartáveis; o Poliestireno (OS) Cod 06, encontrado em caixas de ovos, tabuleiros e embalagens descartáveis; e o Cod 07, designação para os demais materiais recicláveis, sendo os mais comuns o Policarbonato (PC) ou Resina Acrilonitrila Butadieno Estireno (ABS), utilizados em garrafas de bebidas, biberões e tabuleiros descartáveis.

Já na coleta seletiva de caminhão, a rota é que determina a rotina de trabalho dos cooperados. As modalidades desenvolvidas na COOPERCAPS são: coleta porta a porta, no Pão de Açúcar e em condomínios¹⁹. Essas modalidades são realizadas todos os dias, no mesmo horário, pelos sete caminhões disponibilizados pela prefeitura para a cooperativa. Os caminhões e os motoristas são da empresa Hiplan, que desenvolve esse trabalho junto à cooperativa por ter ganho a licitação do serviço. Normalmente, acompanham nesse processo, em cada caminhão, um motorista e dois cooperados – um na lateral e outro dentro do caminhão – para guiarem e apoiarem os cooperados que estão fora dos caminhões no que for necessário. A rotina é dinâmica porque o caminhão circula e, em cada casa (no caso da rota modalidade porta a porta), os cooperados abordam os moradores e coletam um material diferente a cada dia. Alguns moradores lhes oferecem água, bolo, café etc. Na maioria das vezes, são moradores idosos que vão até a porta das casas para entregar o material de coleta aos cooperados.

Nem o sol forte tira a energia dos “catadores de sonhos”. Fabrício é motorista há um ano nessa cooperativa, mas já tem muita experiência em transporte de material perigoso. Ele me contou que a maioria dos cooperados não tem dinheiro para sair de casa. Os que moram em albergues ou em comunidades muitas vezes não conseguem dinheiro suficiente para chegar ao local de trabalho e acabam sendo suspensos por falta.

“A cooperativa é um estágio intermediário entre a miséria e um trabalho que dê dinheiro”, argumenta. As empresas não contratam pessoas com passagem na polícia, como ex-presidiários, drogados, ou mesmo moradores de albergue. Já na cooperativa, o novo cooperado tem oportunidade de resgatar sua vida e de transformá-la. A cada rua, a cada casa, há uma situação diferente a ser administrada: são os cachorros que não deixam o cooperado aproximar-se; são as velhinhas que descem e sobem as escadas a fim de recolherem o que deve ser levado; são os estoques dos supermercados de bairro que oferecem papelões e plásticos para reciclagem etc. “Após percorrer toda a rota, paramos para “lonar²⁰” e tomar uma coca-cola rápida no barzinho da esquina. Em seguida, seguimos para o

¹⁹ Descrição das modalidades: Pão de Açúcar – rota de coleta nos supermercados Pão de Açúcar, cadastrados na coleta seletiva. Porta a porta – coleta direta nos bairros delimitados em comum acordo com a prefeitura, de casa em casa. Condomínio - coleta nos condomínios cadastrados na coleta seletiva.

²⁰ Lonar é o processo de colocar lona por cima do material coletado e amarrar. Dessa maneira, evita-se que algum material caia na rua e a cooperativa seja multada.

lixão de Interlagos, onde normalmente o caminhão é pesado para registro da produção do dia.”

De forma esquemática, temos a seguinte estrutura interna e dinâmica de movimentação de materiais:

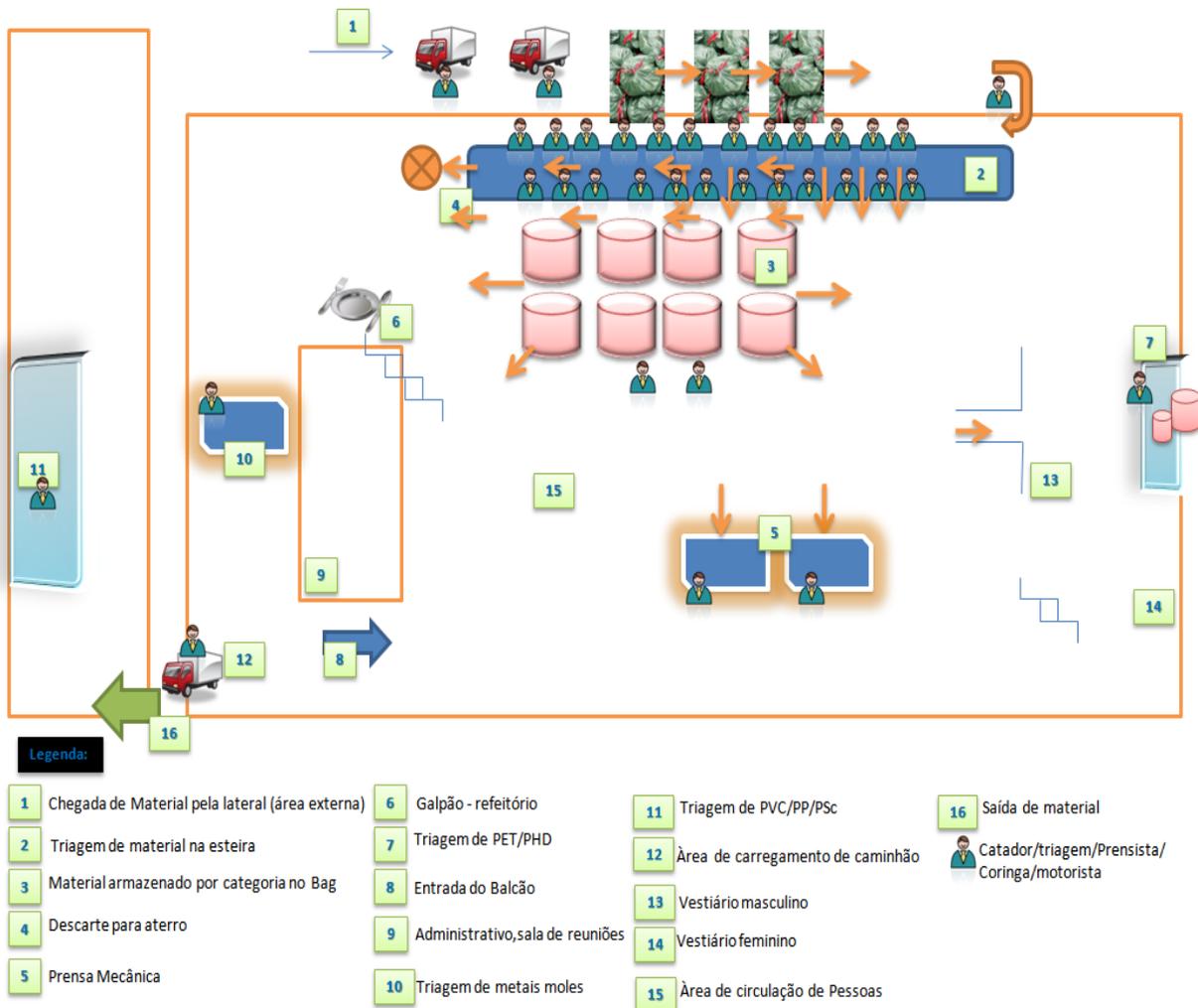


FIGURA 1: Estrutura interna e dinâmica de produção dentro da cooperativa.

No esquema anterior, detalhei a sequência de produção iniciada no ponto 1: chegada de material pela lateral (área externa). A partir dessa numeração, podemos acompanhar a produção/triagem na cooperativa. É importante observar que as funções são bem determinadas para alguns cargos. Outros são volantes, com a do coordenador de turno, que além de coordenar desempenha outras funções, como a de triagem na esteira. O item 11 é um espaço anexo, que fica do outro lado da rua e pertence à cooperativa. O material é levado para lá nos begues, assim como para cada setor de triagem.

1.4 Estatuto, consciência e realidade

Os relacionamentos dos catadores são norteados pelos princípios do cooperativismo, não perceptíveis em uma primeira visita. O ambiente extremamente informal confunde a visão do observador quanto à estrutura da relação pré-acordada, distanciando-nos do entendimento do que é comportamento inerente ao sujeito no dia a dia da cooperativa. A consciência de ser cooperado e o entendimento do papel que cada um exerce possui um distanciamento da realidade do catador. Muitas vezes, a própria condição de sua existência exige que, por sobrevivência, ele tenha uma adaptação, não respeitando as normas formais do cooperativismo - normas essas que o estatuto determina, mas que, na prática, inviabiliza a dinâmica de trabalho do cooperado. Por exemplo, o trabalho por turno, pois existem cooperados que ficam o dia todo para garantir uma produção mínima.

Cada cooperativa segue um estatuto de acordo com a modalidade em que atua. Há, basicamente, três tipos de cooperativa: as Cooperativas Singulares; as Federações de Cooperativas; e as Confederações de Cooperativas²¹. O novo cooperado, considerando-se salvo do desespero do desemprego, da miséria, da marginalidade, da violência urbana ou mesmo da fome, adere ao sistema da cooperativa sem saber, por exemplo, que não pode ser demitido, exceto se cometer alguma infração legal ou estatutária²². A noção dos direitos e deveres do cooperado não é clara e muitos acham que trabalham para facilitar o trabalho da prefeitura e que a mesma deveria recompensá-los por isso.

A rede de relacionamentos que envolve a cooperativa confunde o que é papel de cada um nesse processo. O estatuto social prevê que a cooperativa tenha como objetivo a prestação de serviços e o desenvolvimento de atividades de coleta, triagem, reciclagem, processamento, beneficiamento e comercialização de sucatas e resíduos sólidos urbanos “in natura”. A missão da cooperativa é promover, desenvolver, defender e assegurar os interesses econômicos e o bem-estar dos cooperados.

²¹ Cooperativas Singulares: constituídas pelo número mínimo de vinte pessoas físicas e, excepcionalmente, por pessoas jurídicas; Cooperativas Centrais ou Federações de Cooperativas: constituídas por, no mínimo, três cooperativas singulares.

²² O estatuto social da cooperativa, aprovado em assembleia geral da constituição realizada em agosto de 2003, assegura que o cooperado pode ser eliminado em virtude de infração grave da lei, do Estatuto ou das decisões da assembleia, incluindo infrações contra o regimento interno, como recusar-se a cumprir as práticas especificadas para o cooperado.

Dentre os itens que a cooperativa se propõe promover estão a assistência social e educacional aos cooperados e respectivos familiares, utilizando-se do Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (FATES). Outro compromisso da cooperativa com seus cooperados é lutar pelas condições dignas de vida e trabalho, moradia, educação, saúde etc. Entretanto, no dia a dia, as dificuldades são muitas; como as condições de trabalho, por exemplo, que nem sempre são as mais favoráveis. Na coleta porta a porta, os cooperados que vão no caminhão se dividem e dois ficam pendurados do lado de fora. Eles recebem luvas, mas alguns nem as utilizam. “A viagem é animada; todos conversam, brincam, interagem com os moradores e com os cachorros que latem incomodados com o caminhão “invasor” que surge com uma voz dentro, gritando: “Olha a coleta!.”, diz um cooperado.

O capital da cooperativa é dividido por cotas-parte, não tendo limite máximo, mas sim mínimo de R\$600,00 (seiscentos reais), sendo indivisível e intransferível. Já as decisões são tomadas pelas Assembléias Gerais, que é o órgão supremo da sociedade, diante de assuntos de interesse da cooperativa, enquanto que as deliberações por elas realizadas recaem sobre todos, ainda que ausentes ou discordantes.

Entre a necessidade de consciência e a realidade dura do dia a dia, existe um distanciamento. No dia da Assembléia Geral para comunicação dos preços de venda dos produtos da triagem em função da crise, não havia nem um quarto do quadro funcional da cooperativa na reunião. Sentados nas caixas, observávamos o discurso dos líderes do setor administrativo falando sobre as circunstâncias do mercado e seus impactos para a cooperativa. Os veteranos, nas primeiras fileiras, escutavam atentamente, enquanto outros cooperados não prestavam atenção e conversavam entre si. O descrédito e a falta de informação eram os sentimentos mais fortes em alguns dos componentes da cooperativa. Uns acreditavam que as informações não eram verdadeiras e outros que o administrativo não tinha competência para fazer a gestão da cooperativa.

O exercício da assembléia é algo muito novo para uma população que não foi criada para saber tomar decisão, ainda mais de seu próprio negócio. Uns desconfiam dos outros; desconfiam daqueles que delegam mais, sabem mais, dominam mais, influenciam mais. Ninguém questiona ou mesmo se prepara para o momento da assembléia. Poder de voto é uma responsabilidade que o brasileiro começou a experimentar há pouco no Brasil, de maneira que o sistema de

cooperativismo é muito evoluído para garantirmos boas práticas no país. Ainda há muito que caminhar. O processo de construção e desconstrução das unidades e ofícios de trabalho na sociedade atual, em uma economia globalizada, é muito complexo. As atividades desenvolvidas, como ofícios de trabalho na cooperativa, estão relacionadas à demanda de triagem e, portanto, são muito vulneráveis à função da dinâmica de mercado, como a precificação do material reciclado. Abrem-se novos turnos quando a demanda aumenta e fecham-se turnos quando a demanda diminui, e assim sucessivamente. Normalmente, cada turno opera com 30 cooperados nos diferentes setores, e somente o setor de triagem de plásticos não opera à noite.

A árdua jornada do trabalhador da cooperativa o impõe entre a consciência e a realidade do estatuto – o estatuto como pano de fundo da dinâmica que o mercado traz à condição do tempo, prejudicando a produção. Quando o material está molhado, a máquina está parada. O cooperado clama por liderança, pela figura do líder do setor, do líder administrativo, do diretor, por alguém que lhe dê o direcionamento do que fazer. Toda essa condição frágil do indivíduo que entra na cooperativa e seu interesse pela melhoria de vida são características marcantes que não são perceptíveis no dia a dia. Não se discute sobre a cota nem sobre a assembleia, mas sobre como pagar as contas no final do mês. Entretanto, pude notar nos discursos, de forma surpreendente, a existência de uma conscientização em relação à reciclagem; ao entendimento do que cada produto trás como poluente para a sociedade e sua capacidade de reciclagem; aos preços do mercado; à crise; ao que cada um pode fazer para melhorar a condição do lixo na cidade.



CAPÍTULO II

Catadores de Sonho:
objetivos e perspectivas

2.1 - Cenário da Pesquisa

O processo de formação das relações sociais e de exclusão das camadas mais desfavorecidas está situado dentro da complexidade do atual sistema social capitalista. Para compreensão mais abrangente desse fenômeno, precisamos entender como ocorreu a radicalização dos processos de concentração e centralização de capitais decorrentes do crescimento dos oligopólios, da intensificação de fusões e incorporações das empresas nas últimas décadas.

Mais que a concentração monetária, a tendência da reestruturação produtiva mundial é a adequação aos novos tempos produtivos, relações sociais, mudanças nas formas de gestão e organização do trabalho e que, portanto, permitiram a difusão das redes globais de informatização de todas as etapas do ciclo de produção. Esses movimentos redefiniram o papel do Estado, que anteriormente era garantidor de políticas mais precisas para o bem-estar da sociedade.

Nessa realidade, considerada como o “o ciclo do lixo” - batismo dado pelos cooperados da COOPERCAPS -, a trajetória de materiais descartados, em cada residência ou estabelecimento comercial, é o início de uma cadeia que envolve uma rede de instituições, políticas e cultura de uma população. O ciclo é saudável se, de fato, conseguirmos aproveitar o que descartamos.

A cooperativa Recicla Morumbi, por exemplo, conta com a parceria de algumas cooperativas menores, como o Projeto Vira Lata, na marginal Tietê, a COOPERE, na Vila Sabará, e a COOPERCAPS, na Capela do Socorro, onde está situada a presente pesquisa²³. Basicamente, podemos afirmar que a cidade adota duas modalidades de coleta seletiva de lixo: a domiciliar e a por meio dos Postos de Entrega Voluntária (PEVs). Todo o lixo arrecadado é levado pelos caminhões de coleta diretamente para as cooperativas regionais²⁴.

O interesse da pesquisa nesse cenário ocorre justamente pelo fato de que os indicadores das instituições e agentes sociais envolvidos nesse processo parecem exercer uma força transformadora capaz de unir diversos interesses, de forma abrangente, sejam estes da prefeitura, das comunidades, das empresas ou da sociedade. O estágio de amadurecimento em que se encontra esse processo pode representar uma etapa significativa de construção para melhoria social como

²³ A COOPERCAPS possui 120 famílias cadastradas, organizadas em três turnos de produção.

²⁴ A cidade de São Paulo possui 17 cooperativas cadastradas.

também provocar somente um efeito regulador ou minimizador de desigualdade social, mas não transformador.

Dados da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) estimam que o número de catadores de lixo no Brasil seja de aproximadamente 500 mil, sendo que dois terços deles estão localizados no estado de São Paulo. Eles percorrem em média mais de 20 quilômetros por dia, puxando carrinhos com mais de duzentos quilos de lixo, em uma jornada que, muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas de trabalho, rendendo-lhes um ganho diário de R\$ 2 a R\$ 5 (dois a cinco reais) ao dia. Dentre os trabalhadores entrevistados nesta pesquisa, a maioria era analfabeta ou com apenas o ensino fundamental concluído, com idades entre 30 e 60 anos. De acordo com os entrevistados, a baixa escolaridade e a idade avançada são os fatores de exclusão do mercado de trabalho formal. No trato com o lixo e com a carga física pesada, ainda são associadas algumas doenças, como dores corporais, problemas osteoarticulares e hipertensão. Porém, como se trata de uma ocupação informal, a ausência de direitos trabalhistas não os resguarda de casos de problemas de saúde ou de acidentes de trabalho.

Durante o processo de pesquisa surgiu a necessidade de entender melhor a importância do surgimento de cooperativas e associações de catadores no reconhecimento oficial da atividade como profissão e da criação do Movimento Nacional de Catadores (MNC)²⁵, movimento este que questiona a qualidade da inclusão social conquistada e a possibilidade de que ela represente apenas mais uma forma transmutada de exclusão. O trabalho aponta para a necessidade de políticas públicas que garantam a inclusão social com qualidade de vida, buscando a organização na forma de auto-gestão²⁶.

A cooperativa Coopercap's iniciou sua proposta de trabalho com reciclagem no ano de abril de 2001, a partir de reuniões na administração regional da Capela do Socorro com desempregados. O trabalho de coleta e triagem foi desenvolvido em um galpão alugado, localizado na Estrada de Marsilac. Em seguida, a administração da prefeitura regional cedeu uma área coberta, localizada no Posto Avançado de Parelheiros. Em 2001, a CUT/CNM, através do Programa Integrar, promoveu um curso de capacitação para 30 alunos sobre Cooperativismo e Economia Solidária.

²⁵ Esse movimento já atua há quatro anos, organizando os catadores de materiais recicláveis pelo Brasil afora. Eles buscam a valorização da categoria tal com o trabalhador comum.

²⁶ Nesse caso, auto-gestão é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção. Assim, é possível organizar o trabalho sem hierarquias, em que o planejamento e a execução dos deveres estão sob o controle dos próprios trabalhadores.

Ao final de 2002, foi criada a COOPER-ATIVA - Cooperativa de Coleta Seletiva da Zona Sul, envolvendo 11 grupos de coleta seletiva nos bairros Capela do Socorro, Santo Amaro, Campo Limpo, Cidade Ademar, Jabaquara e Ipiranga. Em 2003, a criação da COOPERCAPS desativou a COOPER-ATIVA. A cooperativa foi fundada em agosto de 2003 para administrar a triagem, o beneficiamento, o armazenamento e a comercialização da venda de material prensado na unidade da Capela do Socorro (comercialização da Capela?) na Avenida João Paulo da Silva, número 48. Inicialmente, possuía 22 cooperados. Atualmente, conta com 120 cooperados e tira diariamente, em média, 15 toneladas de materiais recicláveis. Está organizada em três turnos de trabalho, gerando uma renda mensal por cooperado renda mensal entre R\$ 800,00 a R\$ 1.250,00. (oitocentos a mil duzentos e cinquenta reais).

A COOPERCAPS possui parceria, na área da saúde, com a UBS Jardim Icaraí e, na área financeira, com a Caixa Econômica Federal, onde são depositados os rendimentos dos cooperados, que podem administrar suas contas individualmente. A cooperativa possui vários projetos de expansão e, atualmente, conta com os seguintes equipamentos: uma esteira com 14 metros; mesas para triagem; dois computadores; mesa para reunião; cadeiras e arquivos; seis armários; quatro prensas; uma empilhadeira; duas balanças eletrônicas; uma picotadeira; um fogão; uma geladeira; um freezer; e um bebedouro. Para 2009, no planejamento estratégico da cooperativa, estava previsto R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) como meta de faturamento, além da compra de dois caminhões/empilhadeiras/prensas, no valor de R\$ 386.000,00 (trezentos e oitenta e seis mil reais), e dois moinhos/extrusoras, no valor de R\$ 102.000,00 (cento e dois mil reais).

2.2 – Objetivos e perspectivas

O Caminho metodológico pela qual partimos para estruturar a pesquisa seguiu a perspectiva construcionista. Nesta, O pesquisador assume uma postura desnaturalizante onde os conceitos formulados no processo de levantamento de informações no campo não estão isentos de influências culturais ou seja, são construídos considerando elementos inseridos no contexto social dos sujeitos envolvidos. Desta forma, o pesquisador assume uma postura desnaturalizante, no entendimento de que os conceitos formulados durante o processo de pesquisa não

estão isentos de influências culturais; portanto, estão situados em um dado contexto social. Concluindo, o olhar do pesquisador é direcionado para sempre problematizar o ponto de vista que aparece como inquestionável ou verdadeiro.

Segundo Íñiguez (2004), “a realidade é o resultado de um processo social em que o sujeito não é em si por uma essência, mas possuem tantas identidades individuais quanto seus papéis sociais”. Dessa forma, acredito na construção coletiva, e que o sujeito pesquisado é aquele que vai se construindo a cada momento e em cada conversa com o pesquisador.

Moreno (1987), por sua vez, aponta que as identidades sociais estão relacionadas a uma dada sociedade e a um determinado contexto, ou seja, de acordo com a circunstância o sujeito será associado a um certo conjunto de características a ele atribuídas, como seu papel social e, portanto, manifestará um comportamento de acordo com essa realidade ou expectativa²⁷, que pode ser denominado de código de conduta. O construcionismo também é uma corrente considerada como antirrealismo, isto é, a relação entre conhecimento e percepção direta da realidade em que, através da construção coletiva, gera a realidade e suas versões. Então, podemos concluir que as teorias e explicações psicológicas ou sociológicas são também o produto de um tempo e de uma cultura determinada, não podendo ser vistas como descrições definitivas de uma dada natureza humana.

Nesta pesquisa, a abordagem e a análise serão qualitativas, utilizando a interação de pesquisa participante,(Thiollent 2007)de maneira que não há uma presença neutra no campo a ser pesquisado. Essa consideração ratifica a legitimidade da pesquisa em relação à exigência de imparcialidade das ciências de cunho positivista. Usarei o conceito *campo-tema*, trazido por Spink (2003), para delinear o espaço a ser pesquisado. Assim, não estou falando de um lugar específico, mas de um processo específico de pesquisa, de maneira a não estar presa a um lugar físico, mas atrelada a um lugar de conhecimento da pesquisa.

Esta pesquisa tem como premissa a integração social como uma das condições fundamentais para promover uma sociedade mais igualitária e, portanto, o desenvolvimento sustentável. Assim, meu compromisso com a pesquisa foi o de analisar, sob o ponto de vista da produção de sentido e da construção de

²⁷ Nessa mesma obra, Moreno define o papel (sujeito) atrelado às formas reais tangíveis que o Estados Unidos adota. Esse papel pode ser definido como função assumida na realidade social – por exemplo: pai, piloto de avião, mãe, filho -, convergindo, assim, nas concepções de Íñiguez de que o sujeito é social e, portanto, desprovido do chamado de “essencial natural”.

subjetividade, o que, de fato, revela o discurso dos sujeitos envolvidos no projeto de integração, ou seja, verificar se o projeto da cooperativa representou para esses sujeitos um dispositivo de mudança relativa ou de real integração social.

A instituição COOPERCAPS foi escolhida para esta pesquisa por estar vinculada a projetos sociais de desenvolvimento sustentável através da parceria com a Associação de Franquia Solidária (AFRAS)²⁸. A análise da pesquisa buscou identificar, através do discurso dos sujeitos, a produção de sentidos nos respectivos discursos da vida. Em outras palavras, identificar se o trabalho formal transforma a condição social existente desse sujeito.

As características dessas formações de rede de relacionamentos e iniciativas que permitem elevar o sujeito de uma condição de exclusão para a possibilidade de ser capaz de gerar renda familiar tem um caráter transformador; portanto, de integração. Nomeio esse fenômeno de REVOLUÇÃO SILENCIOSA.

2.3 – A Pesquisa na cooperativa

A pesquisa de campo é iniciada no estudo do pesquisador sobre o tema, assim como definido na abordagem construcionista. Desse modo, à medida que iniciamos as atividades, já estamos em campo. Entretanto, apenas no caderno de registros e nas gravações são documentados os fatos e a análise ocorridos. Nesse caso, a cooperativa e os espaços que existem dentro dela, assim como as relações estabelecidas, são considerados microlugares, dos quais o pesquisador faz parte (SPINK, 2008).

Logo, a proposta da pesquisa aqui desenvolvida foi à realização de visitas à cooperativa COOPERCAPS, previamente combinadas com os seus comitês de coordenação em que indiquei, explicitamente, a intenção de observação e, também, de exercício do processo de coleta na cooperativa.

Os primeiros contatos foram realizados para que eu pudesse conhecer o setor administrativo e os responsáveis pelo projeto e apresentar os objetivos da pesquisa. A proposta foi criar um ambiente de confiança nesse processo de interação com os

²⁸ A AFRAS é uma organização sem fins lucrativos, que surgiu com a finalidade de disseminar práticas de responsabilidade social, contribuindo para a implantação de uma gestão socialmente responsável em empresas do sistema de franquias, visando ao desenvolvimento sustentável da sociedade. (<http://www.franquiasolidaria.com.br/portal>)

cooperados. Para que isso pudesse de fato ocorrer, circulei pelos setores a fim de conhecer cada setor especificamente, seus integrantes, que trabalhavam em diferentes turnos, e as características peculiares de cada atividade desenvolvida durante cada turno. Outras atividades foram desenvolvidas como participação nas reuniões das assembléias, voluntaria no conselho fiscal para conferência do balanço do mês. Tais atividades tinham como objetivo criação de vínculo com a comunidade da cooperativa, para assim construir um canal de comunicação legítimo onde os cooperados se sentissem à vontade para compartilhar os seus sentimentos em relação às questões do trabalho que desempenhava e, sobretudo, sua história de vida. Considero essa abertura dos cooperados muito importante para conhecer e compreender a rede de relacionamentos dentro da cooperativa, assim como para analisar melhor os processos de desenvolvimento das atividades de trabalho, tais como insalubridade, periculosidade, prática cooperada, dinâmica da atividade, características do setor de reciclagem, noção de reciclagem e relacionamento da rede de sujeitos dentro da cooperativa.

Os trabalhadores com quem conversei estavam cientes de que eu estava ali para realizar uma pesquisa; por isso, estava cumprindo o código de ética exigido pela instituição que representava (comitê de ética na pesquisa com seres humanos). Foi fundamental, portanto, a escolha do método de pesquisa participante, onde pude estabelecer o vínculo com os sujeitos pesquisados através do trabalho que me propus a fazer com eles no dia a dia, executando as funções de cada um junto com o cooperado. Assim, o distanciamento inicial foi quebrado à proporção que comecei a realizar tarefas comuns a todos, comer a comida da cantina, participar da dinâmica do turno de trabalho até o final, participar das reuniões da assembléia e das convocações extraordinárias para fazer a conferência de notas no comitê fiscal, e daí por diante. Isso foi possível, pois estabelecemos, em comum acordo (eu e a administração da cooperativa), um roteiro para passar por todos os setores a fim de ter a oportunidade de entender melhor o sistema de trabalho da cooperativa.

Ao participar do dia a dia dos cooperados, tive a oportunidade de conversar com eles, de compartilhar suas experiências. À medida que executávamos uma tarefa, eu também era questionada sobre meu trabalho. Então, falava sobre a minha pesquisa, procedência, objetivos do trabalho e, paralelamente, perguntava aos cooperados sobre o trabalho na cooperativa. Tudo isso ocorreu sem anotações: foi fundamental, durante o processo de levantamento das informações, não usar um

bloco de anotações durante as conversas com os cooperados, principalmente para assegurar que se tratava de conversas cotidianas; portanto, para assegurar que os indivíduos com os quais eu estava interagindo não deveriam se sentir entrevistados.

2.4 - Procedimentos para análise do material coletado

A análise do material coletado em campo será manifestada através do discurso. Por isso, considero que a psicologia construcionista também se diferencia da tradicional pela importância que a mesma dá à interação, às práticas sociais em que a compreensão de como são se encontram nos processos interativos que participamos no cotidiano, como no caso da manifestação de um fenômeno social no discurso dos sujeitos envolvidos. Acrescento a referência construcionista para a formação do conhecimento, em que o mesmo é entendido como algo que se constrói no resultado de uma ação coletiva, durante essa ação, na prática do cotidiano, conforme explicita Spink (2003):

“[...] Para qualquer Psicologia Social que assume os argumentos construcionistas como válidos, a questão da nossa contribuição acadêmica levanta muitas questões morais; aliás, ela é "a" questão moral. Nossa presença no dia a dia de discussão, no debate diário da construção de sentidos e argumentação nos campo-temas, não é automática ou pre-autorizada pelas palavras mágicas "ciência" ou "pesquisa"[...]”

(SPINK, 2003, p.26)

A condição à qual me propus a trabalhar, no processo desta pesquisa, é a de ultrapassar a condição de dualidade do sujeito-objeto em que o conhecimento se dá no interior do processo de interação social. O objetivo aqui é confrontar os saberes para que seja possível construir um diálogo inicial entre o campo-tema e a rede de saberes e subjetividades que estão em torno deste.

Dessa maneira, identifico, nas conversas com os sujeitos envolvidos na rede social da cooperativa, os fragmentos de análise para as categorias que me levarão à identificação do material coletado em campo cuja matéria prima será, basicamente, esse discurso. Alguns indicadores me ajudaram a situar a rede de relações internas e, portanto, as experiências coletadas para a demonstração do que foi considerado como inclusão social:

(1) Ter entrado na cooperativa representa uma oportunidade de melhoria em sua condição econômica e social;

2) Ter passado pela cooperativa e estar em outro empreendimento com carteira assinada e em condições econômico-sociais melhores; (esse exemplo não foi identificado pois necessitaria de mais tempo para aumentar o campo de pesquisa e número de sujeitos com que me relacionei).

três) Ter disponibilidade para relatar sua história de vida e planos para o futuro relacionados a melhorias econômico-sociais;

4) Ter oportunidade de conviver em uma rede social internamente formada, como a da cooperativa, estabelecendo relação com fenômeno de inclusão social.

No discurso analisado, a partir desse mapa inicial possibilidade para me inserir no processo de conversação, considere que, intrinsecamente, que esses discursos estariam na fala dos cooperados que assim os categorizaria:

- a) noção de dignidade; e
- b) transformação social e inclusão.

Esses elementos que categorizei foram os mais manifestados nas falas dos sujeitos nas conversas até então estabelecidas e estão relacionados ao fenômeno de inclusão social. Dessa forma, estarei trabalhando com elas para especificar a observação dos discursos registrados de forma mais clara. É evidente que cada sujeito as aborda com suas próprias palavras. Por isso, será necessário observar detalhadamente o seu discurso para melhor analisá-las.

As perguntas formuladas visam a categorizar o discurso. Por exemplo, “o que você quer dizer com: as pessoas me olham com respeito quando mostro o meu cartão de compra? O que isso significa para você?”. Dessa forma, será através do significado que o sujeito atribui ao seu discurso que conseguirei agrupá-lo nas respectivas categorias e associá-lo à rede de relacionamentos sociais da cooperativa e do seu ambiente social particular.

2.5 – Relatos e conversas: a materialidade da pesquisa

O andamento das atividades de campo foi dividido em etapas. Considerei como etapa 1 a minha apresentação pessoal e a da instituição que represento para o comitê administrativo da COOPERCAPS. Nessa etapa, foram conversados os objetivos da minha pesquisa, minha contribuição como pesquisadora dentro da instituição, horários de frequência, uso de uniforme e acesso aos cooperados para que eu pudesse conversar com eles a fim de conhecer suas diferentes realidades e histórias de vida. A etapa 2 considerou as seguintes atividades realizadas na cooperativa: participação nas atividades; estudo do estatuto; observação do processo de trabalho; questões relacionadas aos fatores físicos; condições de trabalho e fatores psicológicos. Na etapa 3, descrevo o processo de análise e relaciono algumas visitas para consolidar algumas percepções e, eventualmente, realizar algumas funções novamente. A última etapa do processo correspondeu à minha participação através do método de pesquisa escolhido: o método participante, de contribuição na construção do site que está sendo desenhado e participação constante nos eventos da cooperativa como reuniões, assembléias, A participação no site, foi relacionada à análise didática e layout.

As etapas de realização da pesquisa demarcam a construção da experiência de campo como construção coletiva, de modo que a influência do que se está escrevendo é dada por todos os agentes dessa coletividade. É necessário ressaltar, também, que me deparei com a necessidade de dar tratamento aos aspectos morais envolvidos no processo de pesquisa, pois a relação com o tema e o envolvimento com o projeto tiveram comprometimento dessa construção coletiva²⁹, comum a um dado fenômeno. Ou seja, sempre me apresentar com pesquisadora e estudante, ter uma postura adequada ao ambiente de trabalho e principalmente, relacionar os cuidados que o pesquisador tem nesse contexto.

²⁹ Na abordagem construcionista, a criação é coletiva e acontece conjuntamente ao campo pesquisado.

2.6 – Personagens da vida real na construção da rede de relacionamentos da cooperativa

A rede social, que é construída na cooperativa, integra os agentes que interagem como fornecedores, governo, comunidade e empresas de reciclagem do material triado. Segundo Castell (1999), o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder, em que as fontes de domínio em nossa sociedade estão relacionadas à dinâmica de cada rede em relação às outras, à presença ou ausência na rede:

“Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais [...] Por sua vez dentro de determinada rede os fluxos não possui nenhuma distância, ou a mesma distância entre nós... Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico [...]”

(CASTELL, 1999, p.22)

A cooperativa como rede social representa uma estrutura aberta, capaz de expandir de forma ilimitada; integram novos “nós”. Conforme define Castell (1999), o que chamou de “nós”, refere-se às pessoas dentro de uma rede ou seja, que compartilham dos mesmos códigos de comunicação e vínculos sociais. Esse sistema aberto é altamente dinâmico. Um exemplo disso é o processo seletivo para a contratação de novos cooperados na cooperativa, que ocorre através da divulgação boca a boca. Não existe um processo seletivo claro e padronizado para tal contratação, mas sim um processo de indicação e de aceitação. A rede social mantém a cooperativa ativa e traz novos cooperados que precisam de uma oportunidade de trabalho. É muito comum, por exemplo, encontrar imigrantes do nordeste que vêm para São Paulo à procura de um emprego e são indicados para trabalhar na cooperativa. Nas conversas durante os turnos, pude perceber, muitas vezes, que o cooperado recém-chegado à cooperativa entrou lá por não ter tido outra opção de trabalho, pois a cooperativa é o espaço social que aceita sua condição de desqualificação social e profissional. Na cooperativa, as pessoas aparentam ter uma relação sem diferenças, onde ninguém tem “sobrenome”. Os

nomes são sublimados e cada um ganha um nome de batismo, como “Mainha”, porque é carinhosa com os outros, ou “Professor”, porque usa óculos, e assim por diante.

Essa rede de relacionamentos que existe na cooperativa é consequência da macro-rede estabelecida. São relações independentes e formam a complexidade do que se denomina “caminho do lixo”: entidades, normativas, políticas, comunidade etc. Todo esse emaranhado de conexões possibilita a existência da cooperativa na forma em que se estabelece, conforme pode ser visto a seguir, na Figura 2.

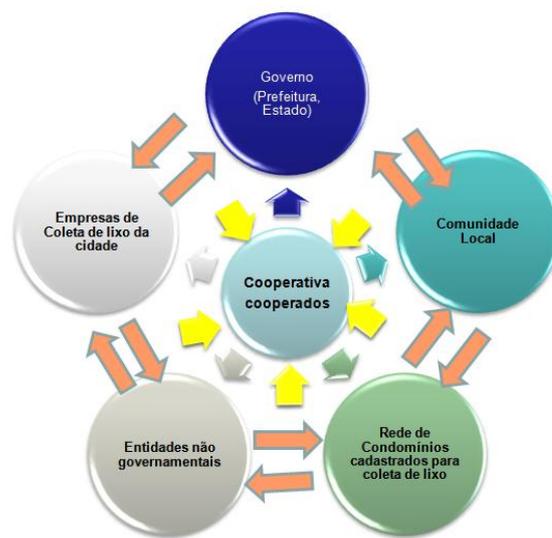


FIGURA 2: Rede de relacionamento ampla: cooperativa e entidades exteriores

Sendo assim, a rede retroalimenta-se de valores que perpassam pela comunidade local, pelas empresas de coleta de lixo da cidade, pelas entidades não governamentais, e assim sucessivamente. A cooperativa depende desse fluxo de informações e relações ativas para sustentar sua imagem, seus recursos e valores.

2.7 – Análise contínua das informações coletadas

As informações foram interpretadas durante o processo de visita de forma contínua. A medida em que recebia elementos de análise através do discurso dos sujeitos analisava a correlação com a inclusão social. Deve-se considerar, também,

que as conversas não tinham um caráter “ingênuo”, como uma suposta neutralidade de processo científico. Conforme anteriormente exposto, o método adotado estabelece entre o pesquisador e o pesquisado um vínculo, mantido através das regras do código de ética durante toda a convivência com o grupo.

Os registros das informações coletadas ao longo das visitas e dos relatos de campo (vide anexos) foram gravados e submetidos às categorias elegidas (vide tabela das categorias da pesquisa) para confrontar os saberes e, portanto, estabelecer uma análise consistente que venha a contribuir com o campo-tema determinado.

CAPITULO III
O costume dos prazeres:
a naturalização da
desigualdade social



3.1 Desigualdade social: produto do sistema social

A sociedade atual “esconde” em sua rede de relações sociais a naturalização da desigualdade social como um incômodo quase que necessário e que sustenta a sua complexidade. Sendo assim, a desigualdade é tratada de forma banal, quase como uma pré-condição para essa estrutura social na rede de relações atuais. Portanto, a naturalização da desigualdade esconde por trás da situação econômica atual das relações sociais sua face crítica e urgente. Esse produto social, a desigualdade, está presente em todas as relações, pois sempre há um ponto de desequilíbrio social, seja pelo acúmulo de capital, pelo não planejamento de condições humanas de sobrevivência, pela desestruturação da administração local, pela extinção de mercados e empresas, pela falta de diplomacia entre países etc.

O fator que proponho discutir especificamente é a criação de valores para a estrutura do trabalho atual e seu vínculo com a produção da desigualdade. A tendência de sofisticação das formas de desenvolvimento do trabalho se contrapõe às tendências também evidentes de intensificação de exploração do trabalho e aumento da precariedade da situação do trabalhador. O sujeito social é atualmente considerado um produto cuja “precificação” da mão de obra é submetida à vulnerabilidade ou oscilação dos meios de produção, às tendências do mercado, à tecnologia, dentre outros, fatores esses que determinam sua qualificação, sua importância social. Os valores estabelecidos nessa relação mudam de forma muito dinâmica; conseqüentemente, o valor desse sujeito social. Dessa forma, essa dinâmica social que impulsiona a produção ou a força produtiva do homem também constrói o processo de desigualdade.

Essa leitura cotidiana da desigualdade social é o ponto de partida para reflexões a respeito do poder nas relações sociais e reflete o discurso cotidiano. É considerado processo psicossocial, conjunto de lugares, ações e conversas que venham a gerar múltiplas intersubjetividades e que sustentem a constituição do suposto saber sobre a normatização das regras sociais e da naturalização dos processos de desigualdade social. Segundo Spink, naturalizar significa tratar algo como normal, como dado e como parte do dia a dia. Por isso, naturalizamos as desigualdades através das ações sociais. SPINK, P. K. (Org.) ; SPINK, M J (Org.) 2006.

A naturalização das desigualdades está contextualizada no cenário de *modernidade tardia*, Beck (1992), em que estamos. O entendimento desse conceito na concepção do autor, possui três estados de desenvolvimento: a pré-modernidade, a modernidade clássica e a *modernidade tardia*. Já a *modernidade reflexiva*, assim chamada pelo autor, passa por três estágios de desenvolvimento: a pré-modernidade, que corresponde à transição do feudalismo para a sociedade moderna; a modernidade clássica, coexistente com a sociedade industrial; e a *modernidade tardia*, coexistente com a sociedade de risco. O que autor busca mostrar é que na transição para a modernidade reflexiva muda-se o foco de preocupação do governo em relação às populações. O que está em pauta, nesse caso, é o controle dos riscos, ou seja, a distribuição dos males e sua relação com a desigualdade social. A ótica da sociedade de risco tende a ser bastante negativa, mas não precisa ser. Sendo assim, o argumento construcionista, contextualizado na sociedade pós-moderna, que ele também nos situa, terá como matriz de compreensão os seguintes aspectos sobre a ciência: globalização, individualização e reflexibilidade. Esses correspondem aos elementos-chaves de interlocução com a desigualdade social.

Nas tendências relacionadas ao posicionamento do trabalho no mundo contemporâneo, observa-se uma crescente expansão do trabalho dotado de maior dimensão intelectual, tanto nas atividades industriais mais informatizadas das esferas compreendidas pelo setor de serviços quanto nas comunicações. Podemos notar que a estrutura social de formação educacional do Brasil não é capaz de acompanhar as tendências de mercado e nem de adequar-se aos pré-requisitos básicos, como o ensino fundamental. A demanda por acessibilidade, velocidade de informação e intelectualidade traz para as margens uma massa rapidamente incapaz de articular-se ou mesmo de rearticular-se no cenário complexo global que se apresenta. É como se de um minuto para outro centenas de profissionais se “displugassem” do contexto social de trabalho e fossem jogados em uma zona “cinzenta” desarticulada, despontencializada e marginalizada.

Antunes considera esse fenômeno como “avanço do trabalho na esfera imaterial”. Trata-se do avanço do trabalho em esferas não necessariamente produtivas. Resta refletirmos se a sociedade terá a capacidade de consumir as informações, produtos e saberes na velocidade em que são produzidos ou se estamos vivendo em uma era do que o autor chamou de : “cultura dos saberes”,

(Antunes 99) Conseqüentemente, há sempre uma seleção dos sujeitos que estão adaptados; portanto, incluso nessa rede conectada de informações em constante movimento.

Segundo Antunes (1999), a categoria “trabalho”, diante do processo histórico-social, representa uma fonte de realização do “ser social” - o que o autor chama de *protoforma da atividade humana*, falando do trabalho como criador dos valores de uso, de tal forma que o sentido do trabalho como atividade vital justificará o caráter estabelecido da existência de um sujeito social. O sentido do trabalho entrelaça a existência do “ser social” e é sustentado pela sua lógica estrutural.

Essa gênese histórico-social das formas de trabalho se manifesta em nossa vida cotidiana. Para o autor, a referência à vida cotidiana e suas conexões com o mundo do trabalho e da reprodução social é imprescindível para o ser social, e será a heterogeneidade da vida cotidiana em suas ações imediatas e espontâneas, assim como as relações dos profissionais do mercado atual, o ponto de partida para o processo de humanização do sujeito. Por esse motivo, devemos ter um olhar muito crítico para a constituição do “*metabolismo social*”, em que o sistema do capital se configurou em um sistema de controle, cujo valor de uso foi totalmente subordinado ao seu valor de troca, às necessidades reprodutivas do próprio capital. Logo, o valor de uso dos bens socialmente necessários é subordinado ao seu valor de troca, que passa a comandar a lógica do sistema de metabolismo social do capital. Esse processo de comandar a lógica torna-se alienado da maneira em que o sujeito estará vinculado à sua relação existencial proporcionalmente à sua capacidade de troca em função do sistema. Dentre as conseqüências geradoras desse, está o fato em que o sistema instalou mecanismos para sua própria auto-valorização, independente das necessidades de sustentabilidade social (sociedade justa).

Segundo Bauman (2007), os indivíduos, na organização social contemporânea, tornam-se ao mesmo tempo promotores de mercadorias e as próprias mercadorias que promovem. Nesse cenário em que as pessoas precisam submeter-se a um constante “*remodelamento*”, é necessário estabelecer padrões de conduta para o consumo, principalmente na construção da identidade do ser em seu contexto social. O sujeito social assume um papel em que ele é representado pela marca da roupa, pelo ciclo de amigos e por suas respectivas influências, pelos lugares onde tem capacidade de frequentar, pela capacidade que tem em consumir. Essa corrida desenfreada e o esmagamento da classe dita trabalhadora, que hoje

está mais para “classes adaptadoras” ou “adaptáveis”, ampliaram a rede social em “subredes” de relacionamentos e consumos aceitáveis aos padrões sociais para a sociedade atual. Esse sistema capitalista atual é capaz de absorver toda multiplicidade de identidades sociais à medida que essas identidades ou sujeitos forem capazes de gerar troca e consumo até mesmo para a camada de “excluídos”, tornando aceitável alguns modelos de consumo e comportamento. O modelo de comportamento vigente terá, portanto, no seu “*suposto aceite social*”, o enquadramento formal nas formas de consumo.

A realidade subjetiva representada pela sociedade, segundo Berger e Luckmann (2008), é caracterizada por três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. Cada uma dessas partes são caracterizados, simultaneamente, por esses três momentos de formação de um caráter identitário para o sujeito. Conforme os autores, o indivíduo não nasce membro da sociedade; ele tem predisposição para a sociedade e se torna membro desta. Assim, segundo esse pressuposto, para entender o processo de normatização da desigualdade social parece até mais simples, uma vez que o próprio sujeito, em processo de exclusão ou desigualdade, está predisposto à adequação, à naturalização da desigualdade. Esse processo começa quando o indivíduo é induzido a “tomar parte” na dialética da sociedade. O sujeito, para tornar-se membro da sociedade, necessita realizar uma espécie de interiorização. Esse processo, para Luckmann (2008), é chamado de *socialização primária*. O sentido considerado para o processo de interiorização aqui referido constitui a compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Esse processo de significação a que se refere o autor é que constitui o ser socialmente adequado, uma vez que esse veste a “camisa social” do ser que tem referências entendíveis e úteis; portanto, o seu vínculo com o social é “saudável”. Já o processo de socialização secundária, descrito nessa mesma analogia, refere-se a qualquer processo subjacente que introduza um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

A perspectiva do entendimento do que se é como ser social é um processo que se inicia na infância. Para Berger (2008), as crianças das classes inferiores não somente absorvem uma perspectiva própria de classe inferior a respeito do mundo social, mas também essa percepção. Habitar o mundo da criança de classe inferior será, então, a condição social. Não menos distante, a identificação que a criança tem

com os modos emocionais da condição que a cerca será interiorizada no conceito da criança de classe inferior, tornando essa expressão um entendimento natural de ouvir. O modelo criança de classe inferior, uma vez estabelecido, vai amadurecendo e solidificando-se com o tempo, assim como os costumes relacionados a esse perfil, de maneira que a criança cresce e consolida uma autoimagem do que é ser criança pobre, do que é ser naturalmente desigual, Spink(2004).

Os processos de mediação e apropriação subjetiva do mundo social estarão sempre reféns desse mecanismo cíclico de construção de um “lugar específico no mundo”. Considerando o exemplo anterior, afinal que papéis e atitudes serão esperados de um sujeito nas condições de uma criança de classe inferior? É esse processo de interiorização da consciência do individual de um suposto ser social, como nesse caso, que o definirá enquanto ser social. O seu processo de construção, segundo Berger e Luckmann (2008), pode ser “entrincheirado” no processo de interiorização primária da criança. Ela conceberá o único mundo que conhece; por isso, cristalizará mais os outros mundos ou realidades que virá a conhecer na fase adulta.

3.2 Catadores de lixo: profissão para a inclusão social?

O mercado de trabalho exige do trabalhador condições além da formação profissional e que o impõe à situação de exclusão que se agrava, cada vez mais, na sociedade. Na cooperativa, o perfil do sujeito que está em condição de endividamento financeiro, ou possui ficha criminal, não é excluído do processo de seleção e estada no ambiente da cooperativa. Por isso, a cooperativa também é considerada um ambiente de “desintoxicação”, ou seja, as pessoas entram na cooperativa, acertam suas “pendências sociais” e se estabelecem novamente no mercado de trabalho, readequando-se à situação de trabalho formal.

O contingente populacional da cooperativa, de cento e cinquenta cooperados, possui grande diversidade de histórias de vida com exemplos de desvios sociais. Jessica, operária coringa do turno da manhã da cooperativa, é um desses exemplos: casada há dois anos, está restabelecendo sua vida com seu filho de quatro anos. O relacionamento atual trouxe maior estabilidade para a ex-detenta, que ainda possui

algumas pendências: “Assim que resolver meus problemas com a justiça, vou procurar um emprego melhor”, argumenta.

A complexidade do sistema de trabalho expulsa, a cada dia, milhares de trabalhadores de seus postos de trabalho que, por sua vez, não suportam a readequação nos sistemas de trabalho existentes. No sistema de consumo ou de condições sociais de vida. Entretanto, a cooperativa representa um “canal intermediário” de inclusão social para aqueles que, de alguma forma, foram expurgados dos sistemas formais. Ressalto que não estou falando de inclusão por sistemas informais, mas sim por um sistema formal de trabalho. Os cooperados ainda podem ser convidados para trabalhar em outras cooperativas ou mesmo em sistemas do governo que tenham parceria com algumas cooperativas – locais onde terão a possibilidade de aprender outro ofício, de ter mais especialização. Isto é relevante devido à dificuldade do indivíduo excluído em obter um ofício que permita a sua recolocação no mercado de trabalho.

As instâncias públicas e privadas têm na cooperativa um espaço de “escoamento” e adequação de um processo de exclusão que a própria rede de relacionamentos intersociais constrói no processo de exclusão. Elas também precisarão absorver esse sujeito excluído. Ressalto que, do ponto de vista de transformação social, a cooperativa é um dispositivo e não o lugar de inclusão propriamente dito. Assim, os mecanismos de inclusão e exclusão são muito próximos no ofício do catador porque essa é a ponta da cadeia de preços da reciclagem. A incerteza de poder fechar o mês com o salário inteiro ou ter que “ratear” alguma despesa adicional no final do mês é o espelho da sociedade atual, da confusão da rede social dispersa, que desconecta e conecta novas redes e sujeitos a cada instante. A sociedade atual assume o que nomeio de: o “divórcio entre o poder e a política”. Os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, hoje validam o sacrifício de interesses individuais imediatos, tornando-se cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários; sendo assim, regidos pela força do mercado. A sociedade atual tem, em suas relações interpessoais, o costume dos prazeres de consumo como *status quo* determinante, sustentador de supostas redes de relacionamento pessoal e de segurança.

Considerado viveiro das incertezas, a sociedade atual, para Bauman (2007b), é um ambiente novo que passou da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”,

sendo essa última considerada a fase em que as organizações sociais não podem mais manter sua “forma” por muito tempo. Anteriormente, essas estruturas sociais as quais o autor cita, asseguravam a repetição de rotinas e padrões de comportamento aceitáveis, mas atualmente elas se decompõem e se dissolvem de forma mais rápida do que o tempo que levam para ser moldadas, de maneira que essa sociedade atual também assistiu ao “divórcio” entre o poder e a política. O poder de agir se afasta na direção de um espaço global descontrolado. A ausência de controle político transforma os poderes recém-emancipados em uma fonte profunda e incontrolável de incerteza, enquanto a falta de poder torna as instituições políticas existentes, assim como suas iniciativas e seus empreendimentos, cada vez menos relevantes para os problemas existenciais dos cidadãos dos Estados-Nação. O que vemos é o encorajamento dos órgãos do Estado em abandonar, transferir e/ou terceirizar algumas funções que desempenhavam anteriormente. Essas iniciativas ficam por conta das forças do mercado deixadas aos cuidados dos indivíduos. A *modernidade líquida* também é caracterizada pela redução gradual da segurança comunal, endossada pelo Estado, contra o fracasso e o infortúnio individuais, que retiram da ação coletiva grande parte da atração que essa exercia no passado e enfraquece os alicerces da solidariedade social.

3.3 Rede social e dinâmica da exclusão

A era em que vivemos é chamada de *era da informação* por alguns sociólogos e filósofos em função da regulação do tempo da produção. O fluxo de troca de informações impõe um canal quase que desenfreado de produtos e subprodutos “informacionais” no cotidiano da população. Essa dinâmica social recente também é reflexo dos efeitos da tecnologia. É necessário ressaltar, aqui, que estamos falando de coisas distintas, mas conectadas: informação e tecnologia.

Para Bauman (1975), uma das características dessa era é que a matéria-prima da exclusão é a injustiça. Em um planeta aberto à livre circulação de capital e mercadorias, o que acontece em determinado lugar tem consequência na maneira como as pessoas de todos os lugares vivem. O bem-estar de um lugar nunca é inocente em relação à miséria do outro. Segundo o autor, a abertura das nações

antes era um produto precioso, ainda que frágil, mas agora se tornou uma o que o autor chama de: - “globalização negativa”, ou seja, uma globalização seletiva do comércio, do capital, da vigilância, da informação, do produto violência, da produção excessiva de armas, do crime e do terrorismo. Todas essas manifestações, conforme Bauman (1975), “desdenhadas” do princípio da soberania nacional. Dessa forma, a sociedade atual, através desse modelo de sociedade livre e aberta, é considerada “heterônoma” infeliz e vulnerável. Em outras palavras, confrontada e sobrepujada por forças que não a controla nem a entende. O estereótipo é de uma sociedade horrorizada por sua própria vulnerabilidade da suposta fragilidade de territórios, gerando uma segurança ilusória e que parece ser necessária para manter essa suposta integridade social. Sendo assim, o cidadão comum, o sujeito social que interage nesses múltiplos sistemas, não encontra fonte para prover a inclusão de suas necessidades e modelos, pois nem ele mesmo é capaz de definir, em médio prazo, quais são. Essa indefinição particular dificulta a regulação social, pois não concentra foco para a sua resolução. As perguntas individuais estão soltas nas conversações diárias do exercício de definições.

A economia global está mapeada em diversos segmentos e redes. Cada país, região ou grupo manifesta um fenômeno social e econômico distinto. Entretanto, todos os efeitos causados por esses fenômenos locais provocam consequências em todo o planeta, devido à forte conexão tecnológica e de informação em que vivemos. Existe uma penetrabilidade nas atividades humanas em todas as atividades sociais de qualquer localidade. Segundo Castells (1999), a era em que vivemos é constituída por uma nova morfologia social através de redes sociais, modificando, assim, os processos de produção, poder, cultura e experiência. Desta vez, não estamos falando mais de redes como sempre existiram historicamente, mas de uma organização social cuja expansão terá sua base material na tecnologia da informação. Assim, já consideramos penetrabilidade, disponibilidade e velocidade. Essas características nos confundem na relação tempo e espaço para serem administradas, estando presentes desde as nossas atividades mais cotidianas até o entendimento das razões inspiradoras para nossa existência material ou espiritual. Entendo que esta tríade – penetrabilidade, disponibilidade e velocidade – seja formada por forças inconscientemente reforçadas, pois nos conectarão às redes que precisamos nesse contexto ou condição de existência atual. O poder das relações estará em seu fluxo e não necessariamente no possível vínculo ou aliança

estabelecida, seja quando falamos de relações de trabalho ou de relações pessoais particulares. Dessa forma, as fontes de dominação e transformação na sociedade estarão correlacionadas a essa dinâmica de cada rede em relação à outra e assim sucessivamente. O vocabulário usado no cotidiano pelas pessoas reflete o que falamos nessa defesa de estrutura social.

É necessário, contudo, entendermos do que estamos falando quando nos referimos às relações de poder ou aos impactos sociais. Não estamos, nesse cenário, como vítimas de uma produção de relação de poder que nos atropelou. Foi uma possibilidade de movimento que nos conectou nesse mundo em produção do qual somos protagonistas. Nele, não há a relação bivalente de correto e de malévolo, mas a possibilidade de uma existência da qual participamos, da qual somos um fragmento. Temos a possibilidade de uma existência cujos movimentos heróicos podem ter o privilégio de ser o “efeito de ser uma semente no meio de armas”; somos capazes de semear uma floresta inteira, de sermos os protagonistas e potencializarmos nossas forças como sujeitos sociais nesses cenários de dimensões coexistentes. Não devemos desprezar nosso poder “semente” de produção de relações benéficas em nossas redes sociais. Consideremos que muitas delas nascem inseridas; outras, como as relações de trabalho ou profissionais, são conquistadas ao longo da vida. Faz-nos parecer que não viveremos mais as grandes revoluções, e isso nos causa perplexidade. O movimento das pessoas, no dia a dia, e os comentários acerca dos assuntos sociais, levam-me a crer que viveremos microrrevoluções. Seremos revolucionários “silenciosos” e subversivos por concepção. Nem poderemos mais falar de gerações passadas recentes, nem de gerações futuras recentes, pois essas já não mais estão tão bem delimitadas. As características que usamos para determinar o território entre uma geração e outra estão fragmentadas em relações nas redes, de forma muito circunstancial.

Na rede social, o dispositivo de equilíbrio social, através da inclusão da sociedade de consumo, é uma característica reguladora, estabilizadora da rede. Acredito na necessidade de inclusão do sujeito na sociedade de consumo ou da relativa estabilização no poder de compra do cidadão, seja ele nos produtos ou subprodutos do capitalismo. Essa inclusão é um fator estratégico para o suposto equilíbrio social, através dos produtos do capital e da possibilidade do consumo desses - chamaremos de costume dos prazeres e teremos, no sistema social, sua auto-regulação e reciclagem nas diversas possibilidades de redes sociais

interconectadas e estabelecidas. No chamado “*bem estar social*”, atualmente existem várias redes sociais não produtivas ou frágeis, cujas conexões se afastam em seus núcleos sociais locais, como contingentes de pessoas em continentes distintos, sendo muitos deles de miséria e ausência de expectativa de vida.

Esses e outros questionamentos são motivo para conversas frequentes entre membros de empresas e da rede de relacionamentos em seus micro espaços, no esforço de pequenas conclusões que sirvam como balizadoras para as intervenções particulares no cotidiano. Para Bauman (1974), trata-se da crise da “relatividade.” O espectro da degradação social, contra o qual o Estado social jurou proteger seus cidadãos, foi substituído na fórmula política do que ele chamou de – “*Estado da proteção pessoal*”. É o Estado das ameaças de um pedófilo à solta, de um mendigo atrevido, de um assaltante, ou mesmo de ameaças combinadas em uma só figura: a do imigrante ilegal - esse último, representando o foco de atuação do Estado Moderno, que promete defender os seus cidadãos. Assim sendo, os vínculos humanos são frouxos, precários. Por isso, é tão difícil praticar a solidariedade e compreender seus benefícios. O novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados em um dos lados da moeda cuja outra face mostra os contornos nebulosos da “globalização negativa”. A sociedade não é mais protegida pelo Estado ou, pelo menos, é pouco provável que haja confiança na proteção que ele oferece. A sociedade, agora, está exposta à capacidade de forças: as que não controlam, não esperam, não pretendem recapturar nem dominar o suposto bem-estar.

Em um planeta conforme Bauman conceitua - “negativamente globalizado”, todos os principais problemas – o que o autor chamou de : *meta problemas* que condicionam o enfrentamento de todos os outros – são globais, não admitindo, portanto, soluções locais. A união do poder e da política pode ser alcançada, se é que pode, a nível planetário. De acordo com a definição dada por Bauman (1974), o modo de vida moderno tem duas consequências:

“A Nova Plenitude do planeta – o âmbito global dos mercados financeiros, de mercadorias e de trabalho, da modernização administrada pelo capital, e, portanto também o modo de vida moderno – tem duas consequências diretas: a primeira delas é a obstrução dos escoadouros que no passado permitiram a drenagem e a limpeza regulares e oportunas dos “excedentes humanos” dos relativamente poucos enclaves do planeta modernizados e em modernização, excedentes esses que o modo de vida

moderno tendeu a produzir numa escala sempre crescente: a população supérflua, supranumerária e irrelevante a grande quantidade de sobras do mercado de trabalho e o refugo da economia orientada para o mercado, acima da capacidade dos dispositivos de reciclagem". (BAUMAN,1975, p.35)

O dispositivo de equilíbrio social, através da inclusão na sociedade de consumo, proporcionará ao sistema um dispositivo de autorregulação e reciclagem nas relações da rede social. Esse equilíbrio ocorrerá através das iniciativas compartilhadas pela rede de relações sociais para gerar sustentabilidade e compartilhamento das necessidades humanas, formas essas capazes de construir uma sociedade mais justa.

CAPÍTULO IV

**Panorama político e
Realidade social.**



4.1 Cenário Econômico e relação com o tema

A cidade de São Paulo sofreu enorme crescimento populacional entre os anos 60 e 70 devido aos intensos movimentos migratórios do meio rural para os principais centros urbanos do país. Naquele período, São Paulo representava a cidade das oportunidades, a cidade dos sonhos. Por isso, atraía os excluídos do meio rural, os excluídos do mercado de trabalho, como o Diogo. Diogo veio para São Paulo para aprender o ofício de como operar uma prensa, o que lhe rendia um salário de R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais) por mês. O período entre as décadas de 60 a 70 foi caracterizado pela radicalização dos processos de concentração e centralização de capitais no sistema capitalista com o surgimento de oligopólios e intensificação de fusões e de incorporações de empresas. Outro fenômeno considerado como uma tendência da globalização foi a intensificação do sistema capitalista, no que diz respeito à subcontratação e terceirização de empresas. Essa nova dinâmica do mercado posiciona as transações de caráter financeiro, fornecendo-lhe maior importância e velocidade graças ao desenvolvimento das telecomunicações. Entretanto, as mudanças não pararam por aí. As alterações nas formas de gestão e organização do trabalho permitiram a difusão de redes globais, tornando a mecânica do trabalho uma dinâmica mais complexa e sofisticada.

A amplitude do movimento da globalização não só provocou uma revolução tecnológica como também solidificou o papel do Estado no cenário econômico atual. A internacionalização da economia e a intervenção ou regulamentação do Estado é dispensada, havendo, portanto, a reordenação da estrutura de crescimento tecnológico e internacionalização dos capitais e, assim, a reformulação do Estado-Nação - Estado que é conhecido pelo senso comum de “garantidor e potencializador do poder de consumo do cidadão”. Assim, cabe ao Estado prover a população com condições sociais dignas que justificariam a contribuição dessa população em suas obrigações em impostos. Porém, o papel concentrador do Estado em sua plenitude, como fornecedor do bem-estar social, foi esvaziado na dispersão da dinâmica do poder das entidades privadas. Elas são sofisticadas, sedutoras e capazes de fornecer, cada vez mais rapidamente, possibilidades de consumo, considerando um

cenário econômico favorável para a sociedade já solidificada no sistema capitalista. Desse modo, o poder de consumo é exacerbado por um *frenesi* nas pessoas, esconde a real capacidade de suprir as necessidades da família brasileira nas condições de habitação e segurança.

Esse retrato dos dias de hoje deve-se, dentre outros fenômenos, à herança das décadas de 1980 e 1990 no âmbito social, que significaram a reorganização de todo o mecanismo de regulação social. O que estamos chamando de regulação diz respeito ao significado do papel do Estado Pós-moderno na garantia do bem-estar social. Afinal, a questão do controle social não pode mais pesar na responsabilidade do Estado enfraquecido, provocando mudança no seu papel. O Estado que surgirá será o da corrente política neoliberal.

No Brasil, segundo Furtado (2003), é comum o uso do termo *desemprego tecnológico*, utilizando o setor bancário para exemplificar tal categoria de desemprego. Se dividirmos as fases de industrialização no Brasil, entenderemos melhor os fenômenos que ocorreram em torno da relação de trabalho nos últimos 30 anos e que formaram a complexidade de relações hoje existentes. A acumulação de capital no Brasil deu-se, inicialmente, na lavoura, com destaque para o cultivo do café e, posteriormente, para a exigência do desenvolvimento industrial.

Segundo Santos (2004), o desequilíbrio no pilar da regulação social consistiu globalmente numa forma de agir do Estado em detrimento do princípio de comunidade:

“A sociedade liberal é caracterizada por uma tensão entre a subjetividade individual dos agentes na sociedade civil e a subjetividade monumental do Estado. O mecanismo regulador dessa tensão é o princípio da cidadania que por um lado, limita os poderes do estado e, por outro, universaliza e igualiza actividades e conseqüentemente, a regulação” (SANTOS, 2004, p. 39)

Desse modo, a organização privada, de maneira geral, não tem mais o Estado forte para dar conta de tantas questões que cercam a estabilidade de suas condições de produção, abraçando, assim, a rede de relações sociais, identificando a oportunidade de contribuir para o sustento de suas condições de organização da produção. Afinal, que papel é este que as organizações estão ocupando na

economia neoliberal? Será uma relação de produção no *stricto sensu*, ou será que ela assume, também, um papel social mediante as comunidades locais?

Considerando as informações até então abordadas, a presente pesquisa busca proporcionar o entendimento desses mecanismos de inclusão social, supostamente assistencialistas, e analisar as perspectivas dessas tendências para o futuro. Estamos evoluindo para uma sociedade brasileira participativa? Até que ponto são proporcionadas atividades geradoras de empregabilidade e não somente de trabalho? Até que ponto são geradas atividades econômicas que produzam relações sociais estáveis e não apenas alguns empregos? Estamos, com essa prática, caminhando para a estruturação de uma sociedade cuja economia se tornará sustentável? Será esse um dos caminhos para uma sociedade participativa?

O capitalismo, em sua fase “líquida”, Bauman (2008) marcado a partir da década de 1980, teve seu fenômeno mais marcante e polêmico, para o âmbito social, no advento da evolução tecnológica. Entretanto, o ingresso tardio na fase da industrialização da economia brasileira provocou reflexos diferentes dos ocorridos no restante do mundo. No país, o auge da expansão do emprego industrial chegou a possuir cerca de 20% do total de empregos sob a responsabilidade da indústria de transformação na época. Vinte anos depois, a mesma indústria passa a responder somente por 18% do emprego total. O resultado desse movimento de migração das atividades econômicas e mecanização foi o de perda de aproximadamente um milhão e meio de empregos no setor de manufatura entre os anos de 1980 e 1990 (Bauman 2001)³⁰.

A década de 80 considerada por Pochmann (2001) como “a frustração dos anos 80”. Conforme o autor, foi nessa época que obtivemos a existência de um diagnóstico favorável à difusão das novas tecnologias de base microeletrônica, do uso das máquinas e ferramentas de controle numérico e de robôs, assim como de mudanças organizacionais, de sistemas como “KANBAM”³¹ e o modelo nomeado de: “*just-in-time*”. Esses sistemas pareciam promissores, além de gerar círculos de controle de qualidade.

³⁰ A expressão “Capitalismo líquido”, utilizada por Bauman, retrata a mudança do Capitalismo pesado, em que o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que ele empregava. Hoje, o capital “viaja leve apenas com a bagagem de mão”, ou seja, é a era do telefone celular e do computador portátil. Assim, ele descreve o advento da tecnologia, do mundo pós-fordista, “moderno fluído”, dos indivíduos que escolhem a liberdade.

³¹ Essa expressão é de origem japonesa e refere-se ao processo Toyotista de produção que prevê o que foi chamado de “ajuntamento” de componentes de produção para formar o produto final seguindo uma lógica de acordo com a necessidade de estruturação do produto; “Capitalismo Flexível”, considerando a demanda do mercado.

Os indicadores brasileiros para o desempenho da economia foram, entretanto, bem diferentes: processo hiper-inflacionário, estagnação da renda *per capita* e redução da taxa de investimento, apresentando, portanto, características que distanciariam o país das possibilidades de modernidade no parque produtivo nacional.

A década de 1990 não foi diferente. Para Pochmann (2001), esse período apresentou sinais de desestruturação da capacidade produtiva, impedindo claramente, também, as reais possibilidades de generalização do novo paradigma técnico-produtivo na economia brasileira. Para o autor, a chamada “segunda década perdida”, marcada pelo crescente desemprego, pela contínua concentração de renda, pelo aumento do endividamento interno e externo e pela ausência do crescimento sustentado.

As consequências da globalização não param por aí. A complexidade em que nossa sociedade está estruturada é o ambiente de construção do que Castel (1995) chama de *classes perigosas*, quando se refere ao excedente populacional. O autor considera esse excedente temporariamente excluído e ainda não reintegrado ao que o progresso econômico acelerado considera uma “função útil”. Tais classes são consideradas como inadequadas à reintegração e proclamadas inassimiláveis, já que não se pode conceber uma “função útil”, capaz de exercer o chamado após a “reabilitação”. Essas classes estão permanentemente excluídas, contribuindo para a decomposição do Estado Social. A massa economicamente inativa é, foi chamada por Castel de : - “buraco negro da subclasse”: homens e mulheres que não se encaixam em nenhuma divisão social legítima; indivíduos deixados fora das classes e que não são portadores de nenhuma das funções reconhecidas aprovadas, úteis e indispensáveis que os membros normais da sociedade executam, considerando, nesse conceito, as diversas categorias dos socialmente desajustados. Novas categorias de excluídos surgem a cada nova tecnologia lançada ou política governamental alterada. Mas, afinal, quem são os cidadãos adequados à reciclagem social e quais conseguem se manter na comunidade dos cumpridores da lei?

O cenário que se estabeleceu nas décadas de 1980 e 1990 foi determinante para a solidificação do neoliberalismo no mundo. No Brasil, o Estado perdeu sua capacidade de sustentação de muitas das iniciativas sociais que representavam o bem-estar da comunidade. Assim, a incapacidade de geração de novos empregos e o avanço de ocupações precárias podem ser associados às exigências do novo

paradigma técnico-produtivo Antunes, (2007).Desse modo, a rede de relacionamentos interessada nos benéficos da garantia das condições sociais mínimas para o trabalho, assim como nas condições de bem-estar aderiu, apoiando as iniciativas que começavam a surgir paralelamente ao Estado: as iniciativas do Terceiro Setor.

Os movimentos de mecanização e mudança nas formas de atuação do setor industrial e, subsequentemente, do setor bancário, assim como do setor de comércio, empurraram para o mercado paralelo o que foi chamado de “massa de mão de obra informal”. Além desse contingente de desemprego que se estabeleceu em atividades alternativas, houve a migração das empresas dos centros urbanos para a periferia em busca de incentivos fiscais e custos de produção mais baixos. O preço desse movimento é um custo social que o Estado, no papel de intermediador frente à iniciativa privada, é capaz de gerar *bem-estar social*. Portanto, o Estado começa a não ter mais capacidade de atender a população, no sentido de abrir frentes capazes de absorver a mão de obra desempregada que se formara no decurso da flexibilização no processo de trabalho e reengenharia. Entretanto, mesmo reconhecendo esse novo cenário econômico, a sociedade baseia-se no discurso do *bem-estar social* gerado pela cadeia de responsabilidades atreladas ao aparato do Estado. Afinal, quem são os novos atores sociais dessa cadeia de valores relacionados ao bem-estar social?

As empresas privadas começaram a desenvolver parcerias, projetos, permutas, a fim de ampliar, de todas as maneiras, as relações de cooperatividade com as instituições do terceiro setor e atingir as comunidades locais mais rapidamente. Esse movimento foi impulsionado pela inovação no investimento da marca da empresa privada e de sua penetração social, visando a estabelecer uma rede de relacionamentos entre as empresas e as instituições do terceiro setor, como uma vertente do quadrilátero Estado-Empresa-Comunidade-Terceiro Setor. Essa rede torna-se, cada vez mais, complexa e especializada, desenvolvendo aspectos positivos para a sociedade, reforçando o conceito de sociedade participativa e gerando maior possibilidade de sustentabilidade para as questões sociais e de produtividade que atendem, obviamente, a necessidade privada. A proposta das instituições mistura a necessidade de ampliar e revigorar o ciclo dos produtos da empresa e a demanda social das comunidades próximas.

O caráter desafiador e inovador, proposto pelas instituições do terceiro setor, trouxe diversidades de interconexões de várias redes, seja no campo social, seja no campo ambiental, conseguindo abranger, de forma profunda, as intermediações para o sucesso de projetos ousados e com metas bem definidas que, através do nível de autonomia que mantém, buscam sempre alcançar grandes resultados. Desse modo, procurando estabelecer parcerias com as empresas privadas; e essas, por sua vez, ganham forças de estreitar o seu elo entre o privado e o social.

O conceito criado por Giddens (2000), chamado de *Nova Economia Mista*, aponta a nação cosmopolita como auxiliar na inclusão social e, também, com um papel-chave no fomento dos sistemas transacionais de governo. Esse conceito está atrelado ao fato de que o governo age em parceria com a instituição privada, estabelecendo a possibilidade de construir novas relações de troca e ajuda para comunidades envolvidas no processo.

Entendo que, a partir da concepção do autor, não temos capacidade de controlar de forma adequada as forças que a globalização exerce na mudança tecnológica que essas forças desencadearam. É nesse cenário de Globalização que novos ambientes de risco possuem uma enigmática mistura de perigos e vantagens. O autor argumenta que o Estado deveria expandir o papel da esfera pública, traduzido em uma reforma constitucional dirigida para maior transparência e abertura para a sociedade.

4.2 Inclusão social e sustentabilidade

O conceito de Desenvolvimento Sustentável, surgido nos anos 1980, é muito conhecido e, também, pouco consensual. Foi formulado em um documento intitulado *our common future* (nosso futuro comum), resultado do trabalho da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), formada por representantes de governos, Organizações Não-governamentais (ONGs) e da comunidade científica de vários países. Na ocasião, em 1983, uma comissão foi criada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), atendendo às resoluções da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente. Sotto (2007).

A reconstrução das sociedades afetadas do pós-segunda guerra, nas décadas de 1960/1970, gerou uma necessidade de estabelecer uma ordem internacional hegemônica e trouxe uma crença na idéia de desenvolvimento, aqui compreendido como possibilidade de progresso e crescimento ilimitado. Assim, esse foi o pilar da construção da sociedade industrial. O desenvolvimento tornou-se um objetivo maior da política de governos e organismos internacionais como a ONU, seja identificado no crescimento econômico, tecnológico, urbano, ou mesmo baseado na "internalização" da lógica de acumulação e produção capitalista em todas as esferas da vida social, de tal modo que a idéia de desenvolvimento ou de modernização era considerada como ideal de progresso. Esse parâmetro também foi determinante para delimitar a rede de relações de dominação econômica e política entre os países, diferenciando os que eram mais ou menos desenvolvidos. Assim, impôs um padrão de "sociedade ideal" em direção a quais povos deveriam avançar sobre pena de uma invisibilidade social. A política desenvolvimentista trouxe a marginalização cultural de muitos setores populares e tradicionais, gerando, também, contração de empréstimos e financiamentos. Desse modo, esse modelo tecnológico aconteceu associado à concentração de renda. A América Latina, por exemplo, teve o que foi considerado uma modernização "conservadora".

Um novo problema foi percebido: o desenvolvimento mundial impactava severamente no ecossistema do planeta. No ano de 2000, o secretário-geral da ONU encomendou a Avaliação Ecosistêmica do Milênio, que resultou na listagem de 24 serviços ambientais considerados essenciais para nossa vida, como a água e o ar limpos. Essa avaliação também regulamentou os parâmetros de qualidade do clima, da produção de alimentos e de energia.

Thomas Malnight (2007) comentou em entrevista que, para ele, existem dois elementos-chave para o imperativo do crescimento sustentável: a habilidade de criar uma instituição que possa continuar e crescer além do tempo seria o primeiro elemento-chave. O segundo refere-se ao crescimento alcançado de modo que reflita

as necessidades e interesses de todos os *stakeholders*³². De acordo com a visão desse especialista em sustentabilidade, a gestão moderna está direcionada não somente à gestão do bem-estar financeiro, em curto prazo, mas também incluindo, cada vez mais, uma perspectiva do *stakeholder* em suas operações. Thomas Malnight (2007) destaca, também, a clara necessidade de desenvolvimento de produtos e serviços que atendam às necessidades de todos os mercados e grupos de consumidores nos quais operam com uma certa organização, enfatizando que não se trata de uma reengenharia de produtos tradicionais, mas sim de desenvolvimento de colaboradores que possam trabalhar de maneira diferente, devendo haver inovação dentro desses grupos de consumidores, ou seja, soluções que atendam a todas as necessidades. As maneiras pelas quais pode ser entendida a sustentabilidade podem variar e, portanto, ser apropriadas de acordo com a referência hipotética de sobrevivência, seja humana ou de recursos naturais do planeta.

As correntes de pensamento, na verdade, analisam os diferentes componentes que garantam essa sustentabilidade ou mesmo diferentes sequências de efeito ao longo dos anos para compor o termo. Por fim, os esforços de classificação se equivalem. Afinal, as tipologias são sempre dependentes dos critérios escolhidos e todos esses nos parecerão coerentes. Portanto, o termo fica ainda nesse divisor de águas. O que é sustentabilidade? Poderemos até revisar tentativas de construir um discurso sobre o que poderia ser considerado um “caminho do meio”. Qual é o balanço que pode ser feito? Um dos autores que mais se dedicou ao assunto ao longo dos últimos quatro decênios, desde os primeiros preparativos da célebre Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, foi Ignacy Sachs (2002), que criticou o ambientalismo banal, pouco preocupado com as pobreza e desigualdades, e o desenvolvimentalismo anacrômico, que pouco se preocupa com as gerações futuras. O autor ressalta que a abordagem fundamentada na necessidade da harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos, anteriormente chamada de eco-desenvolvimento e posteriormente de desenvolvimento sustentável, não sofreu alteração substancial nos últimos vinte anos, ou seja, desde as conferências de Estocolmo e do Rio. Segundo ele, o conceito da necessidade de harmonização dos objetos sociais continua válido e

³² Refere-se a todos os envolvidos em um processo. Por exemplo, clientes, colaboradores, investidores, fornecedores, comunidades etc. O processo em questão pode ser de caráter temporário (como um projeto) ou duradouro (como o negócio de uma empresa ou a missão de uma organização sem fins lucrativos).

mantém suas dimensões: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, e de política nacional e internacional. Nas dimensões ecológicas e ambientais, os objetivos de sustentabilidade formam um verdadeiro tripé de sustentação do modelo que é considerado como atual. Sotto(2007).

Dimensões ecológicas e ambientais



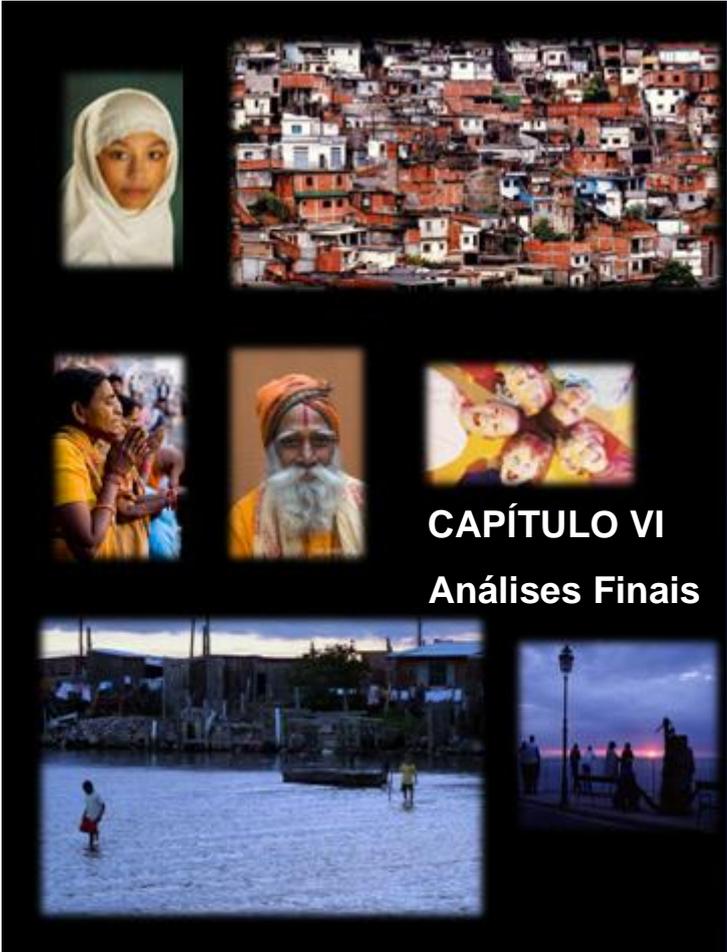
FIGURA 3: Dimensões ecológicas e ambientais

O destaque para o entendimento do autor está na busca de soluções triplamente vencedoras, ou seja, em termos sociais, econômicos e ecológicos. Estratégias de curto prazo levam a um crescimento ambientalmente destrutivo, mas socialmente benéfico ou a um crescimento ambientalmente benéfico, mas socialmente destrutivo.

A inclusão social, nesse cenário de novos negócios, tem seu papel na gestão sustentável das empresas em virtude do processo de consumo, do equilíbrio do sistema e do fluxo de informações que geram os novos perfis de consumo e de capacidade de consumo, produzindo novas tendências na cadeia. A visão de Thomas Malnight (2007) é oportuna, pois mostra a importância “financeira” da capacidade do sistema de cadeia dos *stakeholders* de uma empresa ser promotor da inclusão e, conseqüentemente, gerador de sustentabilidade social. De acordo com essa visão, a cadeia gerada é retroalimentada e garantidora da existência de uma

dada organização. Conforme esse ponto de vista, a preocupação não está, propriamente, no sujeito manter sua capacidade de ter acesso ao sistema de saúde ou habitação, mas sim no quanto ele é mantenedor da cadeia (*stakeholder*) de uma dada organização.

A relação estabelecida está estruturada, justamente, dentro da cadeia de efeitos e nas relações estabelecidas entre ambas, considerando que um dos instrumentos de sustentabilidade social é a rede social, são os indivíduos inseridos na rede. Por isso, o conceito de sustentabilidade, em seu sentido mais restrito, pode explicar a necessidade de manter, dentro de uma rede social, os sujeitos minimamente inseridos. Quando me refiro à rede social, refiro-me ao poder de consumo, ao acesso à moradia, saúde, educação e cultura, não somente para a formação de mão de obra em sua diversidade necessária, mas também do ponto de vista do ajustamento social e condição de estabilidade social (diminuição de desvios) em que o poder público possui dificuldade em monitorar ou controlar, como a marginalidade.



O modelo de cooperativa de reciclagem que pesquisei tem o objetivo de geração de renda e inclusão social e é reflexo da complexidade do mundo do trabalho atual. Essa complexidade está relacionada ao modo capitalista de produção e, particularmente, ao modelo neoliberal que rege a economia do trabalho. Destaco, para este contexto de pesquisa, a precarização do salário, a perda dos direitos trabalhistas e a diminuição da quantidade de emprego formal para os trabalhadores menos qualificados³³. Segundo Mészáros (2006), os trabalhadores empregados vivenciarão a condição de precarização em função do impacto do desemprego e do “trabalho temporário flexível” termo utilizado pelo autor para significar o modelo atual de trabalho na alternativa informal. Para ele, é o problema de ordem estrutural que deve produzir efeitos dramáticos no próximo período.

As conversas cotidianas proporcionaram um aprofundamento da questão que levantei nesta pesquisa na medida em que, nesta esfera, do cunho estatístico me propuz levantar o que de fato foi a carga do sentido dos discursos dos sujeitos - sentido este que trás significados a cada história de vida relatada pelos cooperados; decodificação dessa teia de relações e angústias provocadas pelo atual metabolismo social. Ainda em relação ao método adotado para esta pesquisa, Algumas características são importantes citarmos como a vulnerabilidade na coleta de informações. Por exemplo, a dificuldade de registro ou clareza sobre o limite da análise possível. Assim, as categorias determinaram a objetividade da análise proposta e o vínculo com o objetivo da pesquisa. Ao tratar esses pontos de fragilidade através do estabelecimento das categorias de análise, o método gerou enorme gama de elementos que enriqueceram muito o entendimento do ambiente. Contudo, inúmeros elementos gerados nas conversas estabelecidas não representaram material indicado para subsidiar a pesquisa. Nos discursos dos sujeitos analisados, selecionei duas categorias que permearam toda a análise da pesquisa. A primeira, *transformação social e inclusão*, foi muito mencionada pelos

³³ Grandes empresas de serviços e indústrias que contratavam em larga escala para linha de produção ou para dar conta de sazonalidade da produção.

cooperados ao descreverem a condição atual e o seu histórico pessoal. Por trás dessa carga de menções está o contexto econômico, cujos aspectos centrais se referem ao cenário de exclusão pela “globalização do desemprego” e do “trabalho temporário”, que afeta até mesmo o mundo capitalista mais desenvolvido. Mészáros (2006) convida-nos a buscar soluções para esse problema, como, por exemplo, uma mudança das trocas socioeconômicas reguladas pela submissão à tirania do que o autor chamou de ditadura do “tempo de trabalho necessário”.

Sob essa ótica, o modelo proposto pela cooperativa está enquadrado na tentativa de trabalho temporário flexível ou mesmo permanente a proporcionar formas de sobrevivência da massa de trabalhadores excluídos do sistema social. Essa condição imposta a todos os cooperados é manifestada na fala dos mesmos, relatando a indignação de existir sob essas condições de transição³⁴. A capacidade de transformação social e inclusão está presente no comportamento dos cooperados em diversos momentos sociais do ambiente de trabalho e em campanhas externas com o *Slogan*: - “*Se você misturar é lixo, se separar é vida e emprego*”.

Os cooperados que não têm famílias, e por isso dormem em albergues, têm na cooperativa o único ambiente familiar que conhecem. Mendigar não é mais a condição de André, que não fica mais recolhendo sucata nas ruas e agora trabalha no caminhão de coleta porta a porta. Nessa atividade, percorre bairros e fecha a produção do dia que rende, em média, uma tonelada para a cooperativa só de material selecionado. Ele não sabe dirigir, não sabe ler, mas sabe gritar “Coleta!”, usando uma voz bem alta para sensibilizar a população no recebimento do material de triagem. A história de vida de André, cuja mãe o abandonou quando ainda era criança, e que conviveu, desde cedo, com o alcoolismo e a miséria, é comum a muitos dos integrantes da cooperativa.

Os conceitos nos discursos dos sujeitos misturam-se. Ao conversar com um cooperado, na mesma frase ele menciona inclusão, geração de renda, dignidade, trabalho e futuro. É uma teia de emoções e conceitos que aprendem quando passam a conviver no ambiente da cooperativa. Na análise do discurso, utilizei como categoria de falta dos sujeitos a noção de dignidade, pois esta tem em sua definição em um conceito muito claro quando conversamos com o cooperado. A condição digna de trabalho e vida é algo que significa um *status* conquistado; portanto, um

³⁴ A Condição social do cooperado, conforme relatei no Capítulo 1, é vista pelo mesmo como passageira dentro da cooperativa (local intermediário para uma possibilidade de emprego e salário melhor).

troféu. – como o troféu que, com muito orgulho, mostraram-me, embrulhado em veludo: homenagem da Braskem pela participação na Fórmula 1, em 2009,³⁵ cujo troféu do vencedor foi fabricado a partir de material reciclado por essa cooperativa. Há necessidade do sujeito de saciar a sua condição básica de justificativa existencial, de resgatar a capacidade de produzir e compreender o impacto de sua produção, do valor social representado pelo que fazem, de estabelecer melhor capacidade de se relacionar socialmente. Enfim, essa é a forma como os cooperados traduzem a conquista de uma condição mais digna de vida.

Esse mesmo sujeito, entretanto, não se dá conta integralmente de todas as armadilhas impostas pelas condições atuais do mundo do trabalho e continua capturado pelas demais formas de exclusão, já que sua condição social e humana se mantém ainda muito aquém de um patamar de superação efetivo do desemprego para a condição de empregado na rede formal ou da condição autônoma de trabalho, mas com rendimento suficiente para poder ter as condições básicas de vida como moradia digna, alimentação, educação, vestuário, lazer etc. A cooperativa é suficiente para retirá-lo da condição de pobreza quase absoluta e colocá-lo em um patamar melhor, mas ainda é insuficiente.

Este mapa de análise é só o começo para desmembrar o que ainda permanece como dispositivo de inclusão e mudança estrutural. Entretanto, é fundamental que também haja reforma na política e no processo educacional no Brasil, assim como o estabelecimento de políticas mantenedoras das condições básicas de sobrevivência do trabalho formal do trabalhador brasileiro.

Segundo Vasapollo (2006), a nova organização capitalista é caracterizada pela precariedade, desregulamentação e flexibilização do trabalho. O Avanço tecnológico provoca angústia e inquietude em relação à manutenção dos postos de trabalho. Esse avanço não resolve as necessidades sociais. O mal-estar é sentido por quem perde o posto de trabalho em função da tecnologia ou da flexibilização do trabalho. Neste caso, não estou falando somente de formas modernas de produção ou de atuação e nem mesmo apenas de novas profissões. Refiro-me, principalmente, à liberdade que o setor privado, as organizações, atualmente têm de despedir uma enorme massa de empregados sem nenhuma penalidade quando as vendas diminuem, ou mesmo de reduzir ou aumentar o horário de trabalho,

³⁵ Vide imagens nos anexos.

repetidamente e sem aviso prévio, quando a demanda aumenta e a produção assim o exige.

Vivemos a crise do emprego, conseqüência evidente da falta de crescimento econômico sustentado ao longo das duas últimas décadas, conforme descrevi no Capítulo quatro. Ratifico que serão as políticas públicas que devem levar em conta as especificidades dos vários grupos sociais e da sua relação com a dinâmica do mercado de trabalho para que sejam estabelecidas novas políticas de emprego, que irão garantir o enfrentamento das causas do desemprego estrutural no país. Defendo aqui, nesta presente pesquisa, que as iniciativas da economia solidária, no caso a cooperativa de triagem, não correspondem a esse enfrentamento da condição do trabalhador do ponto de vista estrutural, e nem mesmo mudarão a tendência do desemprego, até porque não atuam na mesma velocidade em que este é produzido. Considero que essas iniciativas são dispositivos de inclusão e contribuem para um nível de retenção da mão de obra ativa e geradora de renda.

O cooperativismo, como movimento social, representa o apelo e a inquietude e me motivaram a iniciar as atividades de pesquisa para “decodificar”, através dos discursos dos sujeitos envolvidos, essa inconformidade dos descaminhos das políticas de formação e das políticas públicas garantidoras do bem-estar social; portanto, da sustentabilidade econômica-social. É importante admitir, entretanto, que o sistema econômico liberal atual permita formas e rearranjos capazes de gerar uma multiplicidade de soluções para a questão do desemprego e geração de renda.

“Ao adotar um conjunto de políticas de enfrentamento da escassez de postos de trabalho ao qual na maioria das vezes, trata o problema como se fosse um fenômeno homogêneo, o país compromete injusta e insatisfatoriamente recursos consideráveis - embora esses recursos ainda sejam insuficientes para dar conta da dimensão e da situação geral dos desempregados.

(POCHMANN, 2001, p.73)

No discurso dos sujeitos, a palavra que levei na bagagem como a mais pronunciada foi DIG-NI-DA-DE. – “Eu entro na loja e posso usar meu cartão de compras para escolher um fogão novo para minha casa. No cartão está escrito meu nome completo”, diz Rosângela, referindo-se à possibilidade de consumo e crédito que a cooperativa lhe trouxe. Dignidade é uma palavra do latim *dignitas* - ser digno, mas no discurso dos cooperados tem um significado mais amplo. Não se trata

somente de ser digno ou de proceder com dignidade, aptidão, talento, qualidade, mas sim de ter poder aquisitivo para poder comprar em uma loja, para ser respeitado como cidadão dentro de um contexto social da rede de relacionamentos da inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R.(org) **Riqueza e Miséria no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2006.

ANTUNES, R. Os sentidos do Trabalho. In: **Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 1999.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2007b.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2001.

BECK, U. Risk Society. In: **Towards a New Modernity**. London: Sage, 1992. Disponível em: <<http://rxmartins.pro.br/teceduc/modernidade-e-riscos.pdf>>. Acesso em: 2007.

BERGER. L. P.; LUCKMANN T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CARVALHO, C.GUIMARÃES, L.; SCOTTO, G. (Org). **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CASTEL, R. **As armadilhas da exclusão**. Lien Social et Politiques. RIAC, 34, 1995.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Coleção A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 2., Editora Paz e Terra, 2000.

_____. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CÓDIGO SANITÁRIO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. São Paulo: 2004. Disponível em: <<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/saude/legislacao/0044>>. Acesso em: 2009.

DRUCK, M. G. **Terceirização**: (DES) Fordizando a Fábrica – Um estudo do complexo petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999.

FURTADO, O. Trabalho e Subjetividade: O movimento da consciência do trabalhador desempregado. In: DOWBOR, L.; FURTADO, O; TREVISAN, L.; SILVA, H. (Orgs.) **Desafios do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Psicologia e relações de trabalho: em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. In: BOCK, A. M^a B. (Org.). **A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia**. Petrópolis: Vozes. 2003.

GIDDENS, A. A terceira linguagem. In: **Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Inguez, L. **Anual de Análise do Discurso Em Ciências Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MALNIGHT. T. In: **Revista Profissionais & Negócios**. Ano X nº111. p.28.ago2007

MORENO, J. L. **Psicodrama**: Teoria e Prática. 9^a ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

_____. **Teoria e Prática de Papéis**. Editora Agora. São Paulo.1987.

POCHMANN. M. **O Emprego na Globalização** - A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Editora Boitempo, 2001.

PROJETO PÃO DE AÇÚCAR. Disponível em: <<http://www.grupopaodeacucar.com.br>>. Acesso em: 02 janeiro 2009

SANTOS, B.S. **Pelas mãos de Alice**: O Social e o Político na Pós-modernidade. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

Sachs. I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002

SOTTO, G.; CARVALHO,I.; GUIMARÃES, L. **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

SPINK, P. K. (Org.) ; SPINK, M J (Org.) . **Práticas Cotidianas e a Naturalização da Desigualdade**: Uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Editora Cortez, 2006. 213 p.

SPINK, M. J. (Org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004a.

_____. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. v. 20, 2008.

_____. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.v.15. 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

ANEXOS:

Anexo A:

Rascunho do roteiro de temas abordados nas conversas cotidianas

1. Abordagem:

- O pesquisador dá “boas vindas”, falando sobre qualquer coisa que vá “quebrar o gelo”.
- Explica qual é o seu papel como pesquisador e quais são seus objetivos.
- Esclarece aspectos relacionados à entrevista (ex: tempo de entrevista, tipo de pergunta etc).
- Explica sobre o termo livre esclarecido e, se possível, coleta a assinatura do participante no termo.

2. Pergunta inicial:

- Como era a sua vida antes de trabalhar na cooperativa? Como é a sua vida hoje, trabalhando na cooperativa? Mudou alguma coisa? Se sim, o quê?

O objetivo é usar essas perguntas para iniciar uma conversa, aproximando a pesquisadora do(s) entrevistado(s).

3. Perguntas sugeridas para manter a conversação com caráter investigativo ao tema de pesquisa:

- Qual é a sua idade?
- Qual é a sua escolaridade?
- Possui filhos? Quantos? Qual a idade deles? Todos moram com você?
- Onde você mora? Sempre morou nesse mesmo lugar? Por que você saiu de casa?
- É casado(a)? Qual a profissão do seu cônjuge?
- Considera seu casamento estável?
- Como foi a sua chegada em São Paulo?

- Você possui alguma religião?
- Como você saiu da condição de miséria?
- Quando você entrou na cooperativa?
- Em qual turno você trabalha?
- Onde estava/trabalhava antes de vir para esta cooperativa?
- Quem fica com o(s) seu(s) filho(s) enquanto você trabalha?
- Como foi sua adaptação na cooperativa?
- Por que as pessoas moram na rua? Qual é a sua opinião sobre isso?
- O que significa “oportunidade de consumir”? O que você gostaria de ter?
- O que você planeja para o(s) seu(s) filho(s)?
- Quais são seus planos para o futuro?

4. Conclusões e informações sobre a contribuição do pesquisador:

- Informar sobre a contribuição do pesquisador no trabalho junto à cooperativa.
- Agradecer e esclarecer eventuais dúvidas ao entrevistado.

Anexo B:**Relato Visita – COOPERCAPS –
Etapa 1 - Negociação - “Apresentação do projeto para os coordenadores”****O processo de agendamento da visita:**

A negociação surgiu através do contato com o Sr. Claudio Tiegui, cujo contato se deu profissionalmente, em uma reunião, ao abordarmos o tema soluções de aprendizagem para o treinamento corporativo. O Sr. Claudio é presidente da AFRAS e, por meio dessa associação, contribui para a implementação de uma gestão socialmente responsável em empresas do sistema de franquias, visando ao desenvolvimento sustentável da sociedade.

O projeto da AFRAS começou a ser formatado em novembro de 2004, a partir de uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de *Franchising* (ABF) para levantar informações relevantes sobre o interesse de seus associados em práticas de responsabilidade social empresarial. Os objetivos do projeto foram apresentados à diretoria da ABF e aprovados em março de 2005. A AFRAS iniciou suas atividades em maio de 2005 e, em seu primeiro mês de vida, teve a adesão de trinta e dois fundadores, seguidos de mais seis empresas mantenedoras. Porém, a associação foi oficialmente fundada em nove de junho de 2005, durante a ABF Expo *Franchising* 2005.

O Sr. Cláudio trabalha diretamente com várias cooperativas, por meio da AFRAS, e foi quem me passou os contatos da presidente, Sr.^a Sônia, e do vice-presidente, Sr. Joaquim, da COOPERCAPS.

A cooperativa de trabalho COOPERCAPS iniciou as atividades em 15 de dezembro de 2003, através de um convênio com a prefeitura de São Paulo para arrecadação de lixo. O que viabilizou o início das operações da cooperativa foi a concessão do terreno por parte da Marta Suplicy na ocasião prefeita da cidade, cedendo o terreno (antigo galpão de uma fábrica falida) e fornecendo isenção para luz e água. Atualmente, são 15 toneladas de lixo processados por dia e 300 por mês, representando um faturamento de 110 mil, ou seja, aproximadamente R\$ 850,00 para cada cooperado.

A visita

Na primeira visita, fui recebida pelo Sr. Joaquim, vice-presidente da COOPERCAPS, que trabalha há sete anos na cooperativa.

Tivemos uma breve conversa sobre a cooperativa de uma forma geral: como ela era organizada, quantos funcionários tinha, como era a dinâmica de trabalho etc. Em seguida, ele me mostrou rapidamente a COOPERCAPS para que eu pudesse ter uma primeira impressão da cooperativa e do tipo de trabalho desempenhado. Passeamos pela cooperativa, olhei os setores e mesmo com a explicação do Sr Joaquim eu não conseguia entender a estrutura dos setores e muito menos a dinâmica de produção. A estrutura das áreas de triagem pareciam desorganizadas, sem sinalização. Ao final da visita, preocupei-me em assinar o formulário e em planejar os próximos passos: próximas visitas, primeiros contatos com os cooperados etc.

Anexo C:**Relato Visita – COOPERCAPS – SP****Etapa: 2 visita junto aos cooperados - “Dia do Batismo”**

Assim que cheguei na COOPERCAPS fui diretamente procurar o Sr. Joaquim. Como ele não estava, falei com a Sr.^a Sandra, presidente da cooperativa, e comentei que tínhamos combinado minha participação em um dos setores que eu conheceria e no qual trabalharia, com os cooperados. Assim que cheguei ao setor, a Sr.^a Sandra apresentou-me ao coordenador do turno³⁶. Em seguida, os cooperados entregaram-me um par de luvas novas.

Fui indicada pelo coordenador daquele turno para ficar ao lado da Flávia, entre seu João, “Mainha” e “Negão”. Logo me apresentei e pedi licença para poder trabalhar com eles naquele dia. – “Você vai trabalhar aqui conosco?”, Flávia logo perguntou. Procurei ser muito objetiva e transparente com ela, dizendo-lhe que precisava saber como o trabalho na cooperativa era feito, pois estava fazendo uma pesquisa para o meu trabalho da faculdade e não poderia ficar somente olhando; precisava ajudar na produção. Aquele momento foi crucial para o entendimento e respeito que almejava conquistar.

Conforme as técnicas de coleta de dados feita através do método Pesquisa-Ação, o contato individual no local de trabalho contextualiza bem a legitimidade dos dados ali captados. Considero também que o processo de aprendizagem se dá através da investigação dos dados acerca do tema escolhido. Além disso, considero relevante nesse método a questão acerca do “saber formal” e “saber informal”. Esse último, baseado na experiência concreta em que o saber do especialista é sempre incompleto, não se aplica satisfatoriamente a todas as situações.

As primeiras duas horas na esteira foi o tempo mais longo de minha vida. Passou um filme na minha cabeça. Vozes de pessoas dentro das histórias ou resto de histórias lançada na esteira. Todos os sacos de lixo eram rasgados e lançados na

³⁶ O coordenador de turno é eleito na assembleia da cooperativa. Há um coordenador para cada turno. Além de coordenador, ele também tem a função de curinga, ou seja, cobre todos na esteira de produção quando solicitado.

esteira. Eu pensei: “Vai passar logo, Bianca. Não tem problema, você está aqui para saber fazer e conquistar o respeito dessas pessoas.” Confiante nisso, esforcei-me para contribuir um pouco no trabalho desempenhado pelos cooperados. Comecei a fazer perguntas relacionadas ao trabalho. Por exemplo: “Qual é o tipo do plástico que estamos triando?” Simultaneamente, procurei conversar com os cooperados que estavam próximos a fim de estabelecer alguma abertura entre nós.

As vidas das pessoas e suas intimidades continuavam passando: fotos, restos de jornal, revistas, garrafas, restos de comida, fralda geriátrica, arroz, tinta, brinquedo quebrado, papel, tampa de privada, talheres, revistas, pão, fitas de vídeo, controle remoto de TV, a abelha-brinde do Mac Donald’s que Mainha pegou, olhou para mim e falou “Olha que abelhinha linda; é para você!”. “Obrigada!”, eu disse, feliz pelo presente. Estavam criando vínculo comigo e isso foi gratificante. Como ninguém usava máscara, pensei que era necessário acostumar com o cheiro; mas quando o saco de lixo só vinha para mim, Negão gritava: “Descarte!” para meu alívio.

O descarte vai direto para o final da esteira, sem ser tocado, e é recolhido pela pá para ser levado ao aterro sanitário, pois não há nada a se fazer. “Hoje tá ruim de material para se trabalhar”, disse Flávia, e continuou: “não tem nada para a gente, não tem produção”. Eu fiquei esperando para entender e, quando chegou mais um caminhão de lixo, Mainha falou: “Mais um, não dá. Não tem nada; Jesus!”. Perguntei para Flávia qual era a diferença entre um caminhão e outro. Ela me explicou que o caminhão de lixo chega com aquela “tranqueira toda” e o caminhão de triagem percorre a rota específica de recebimento de material reciclável. Nesse aspecto, fui realmente batizada porque só triei lixo. Esquecemos o que é lixo e pensamos que o fim da cadeia é o corredor de nosso prédio. Acreditamos, ainda, que dentro de nossas casas temos total privacidade.

Certo momento, fiquei muito tonta. Achei que fosse desmaiar. Tive dúvidas se sentia nojo, cansaço ou mesmo não estava habituada com o movimento da esteira. Não falei nada. Depois de um tempo, Flávia perguntou: “Você não sente tontura?”. Então eu ri de alívio e confessei que sentia tontura sim. Ela me explicou que era normal porque o movimento da esteira provocava tontura e que, de vez em quando, aumentaria independente de se estar habituada ou não. No meu caso, imaginei que o cheiro forte ou as imagens de comida e sujeira tinham provocado a tontura.

Vendo o lixo das pessoas e o que descartamos, pensei o quanto nossas vidas são públicas e que absolutamente nada acerca de nós mesmos pode ser considerado privado.

Os sinos tocaram (literalmente). Era o horário do almoço. Flávia convidou-me para almoçar e então perguntei se poderia. Ela, prontamente, respondeu: “Claro!”. Assim, levei as luvas até a sala do “Seu” Joaquim e o colete que ganhei do pessoal na esteira e pedi a ele que os guardasse para mim. Ao retornar, fui para a cantina, onde algumas pessoas já estavam se servindo. A comida era “bem-servida”: arroz, feijão, “vacca atolada”, acompanhados de farinha e pimenta. Fui até a cozinha para pedir para não servir meu “PF” completo. Afinal, ainda tinha que voltar para casa e almoçar com o meu marido. O prato era alto, mesmo o das mulheres.

Na mesa, a conversa era sobre o dia a dia na cooperativa e compras para o Dia das Crianças. Até que apareceu um rapaz, que trabalhava na cooperativa e que teve oportunidade de trabalhar na coleta da rota da empresa de seleção de lixo. As meninas prontamente me apresentaram a ele, dizendo que ele era um depoimento interessante para meu trabalho. Ele se colocou à disposição para conversarmos. Então, aproximei-me da mesa e começamos a conversar sobre como foi que aconteceu a oportunidade na cooperativa e na empresa onde ele estava no momento. “O coordenador carioca sempre me deu muita força!”, exclamou. “Mudou a minha vida. Sou muito grato a cooperativa”. Ficamos uns dez minutos conversando e não havia como seguir roteiro naquele momento. Acredito que estabeleci um primeiro contato e, depois, poderei confirmá-lo como sujeito de seleção para a entrevista.

Ao me levantar para deixar o copo na mesa central junto aos outros, Rosângela abordou-me para fazer perguntas sobre a minha pesquisa. Ela estava curiosa e falou sobre a felicidade que tem de trabalhar na cooperativa. Assim, contei-lhe um pouco sobre a pesquisa e ela se ofereceu para me receber na casa dela e conhecer sua família e sua história. É claro que agradei prontamente, mas acredito que ir até a casa do cooperado muda muito o cenário e descaracteriza a pesquisa pelo método adotado. De qualquer maneira, no primeiro contato não é possível se opor ao que as pessoas estão dizendo, até porque a conquista do vínculo que estabeleci foi fantástica para o primeiro dia efetivo de pesquisa. Acredito que o fato de ter ficado na esteira trabalhando durante toda a manhã, mesmo após ter me apresentado como uma estudante de mestrado, proporcionou conquista pelo

espaço de confiança dos cooperados. Participar da realidade das pessoas de maneira efetiva, aprendendo a fazer o trabalho que desempenham, qualificar-me-ia para falar sobre entender o seu processo.

Ao retornar para a sala do Sr. Joaquim, percebi que ele estava grampeando o material para a assembleia. Ele me passou um dos que estava preparando e, nele, continha o extrato de todos, com a produção realizada no mês de setembro, assim como os salários de cada um de acordo com a produção realizada. Todas as assembleias são estruturadas dessa forma. A estrutura da cooperativa prevê que todos os cooperados acompanhem o desempenho de seus sócios. Fora isso, está previsto que COOPERCAPs sofrerá algumas mudanças de direção, pois está no período de votação para troca de líderes de sua estrutura administrativa.

Acredito que esse dia tenha sido muito intenso e produtivo. A expectativa era conquistar espaço e a confiança das pessoas. Ao sair, cumprimentei a presidente e a tesoureira e, quando lhes contei sobre como tinha sido o dia e a produção que realizei, percebi que nossa conversa estava se tornando mais aberta, mais próxima. Estávamos já entrando em sintonia; eu não era mais uma mera visitante e estudante de mestrado. Talvez esse espaço deva ser conquistado a cada visita e a cada momento com cada cooperado. Tenho, como primeira impressão, a sensação de já conhecer um pouco os caminhos dessa proximidade e desse vínculo que compreendo ser necessários para a coleta de dados da minha pesquisa.

Anexo D:**Relato Visita – COOPERCAPs – SP****Etapa: 2 - visita junto aos cooperados - “Dia da Prensa”**

O turno da tarde já tinha começado e o pessoal já tinha lanchado e estava devidamente em seus postos de trabalho. Pedi aos cooperados que me ensinassem a manusear a prensa.

A prensa processa em média dois beges³⁷ inteiros para o processamento de papelão e pode pesar até 250 kg prensados. Considerando que o custo de venda do quilo gira em torno de R\$ 0,40 centavos o bloco, poderá render até R\$ 100,00 por prensa conseqüentemente umas cinco prensas por dia para o prensista. Na prensa, o papel e a poeira estão juntos e se confundem com a energia do cooperado para colocar o material e prensá-lo durante 30 minutos. Em um ritmo contínuo e repetitivo, pegamos os pedaços de papelão no chão e os colocamos na prensa; durante esse tempo, também conversamos. E foi assim que ouvi a história da vida de Tiago.

Tiago tem 19 anos, é pernambucano e mora em São Paulo há 10 anos. Aprendeu o ofício de prensar na COOPERCAPs, com Dona Margarida, sua sogra e coordenadora da turma da tarde da cooperativa. Quando Tiago ainda era bebê, a mãe o deu para a avó, com quem morou até os nove anos de idade. Ela deu o próprio filho porque tinha que sair muito cedo para trabalhar e não podia ficar com ele. Era muito difícil viver e trabalhar naquela cidade pernambucana e quando havia trabalho o salário geralmente era muito baixo. A cidade grande trás novidades e também mais possibilidade de trabalho, e foi esse o motivo da vinda de Tiago para São Paulo e o assunto da nossa conversa.

Nossa atenção volta novamente para a prensa. O turno rendeu dois blocos. Depois de prensados, os blocos são levantados no carrinho e levados para o armazém. Às vezes, os blocos prensados ficam pouco tempo na cooperativa; outras, ficam lá até uma semana para serem retirados pelas empresas de reciclagem.

O estágio na esteira também foi uma das etapas nesse turno da tarde. Trinta minutos na ponta da esteira, no lado oposto, foi suficiente para me confundir e me

³⁷ Espécie de bolsas gigantes, utilizadas para a coleta dos pedaços de papelão, plástico ou papel, na esteira. Quando já cheios, são levados até as máquinas de prensa para serem esvaziados.

deixar tonta. “Você muda de lado e fica perdida”, me disseram. Entretanto, aquilo foi mais fácil para mim porque Dona Margarida, a coordenadora do turno, ficou ao meu lado, orientando-me. Nesse estágio da esteira tudo parece “sopa de letrinha”. Afinal, os cooperados se referem ao material de reciclagem que estão nas esteiras por siglas: “A gente recicla PVC, pague, PIF”.

Agachadas em frente ao lixo, olhando o horizonte, Dona Margarida me falava sobre o processo de chegada do material e liberação do mesmo para a esteira. “Eu tava com a cabeça ruim quando vim para cá. Trabalhava em casa de família e cuidava de duas crianças. Estava ficando louca. Enquanto estou aqui, faço terapia!”.

A cooperativa não para. O turno da noite inicia com a janta, às 22:00, e termina com o café da manhã, às 6:00. À medida que Dona Margarida me mostrava e me explicava sobre os diferentes materiais e o que era possível de ser reciclado, eu tentava memorizar os nomes que eles dão para cada material. Para olhar para aquele monte e ver material reciclável, precisa entrar na realidade da cooperativa e trabalhar na esteira. Em uma olhada rápido, só se vê lixo e outros sinônimos de sujeira.

No escritório, chegaram dois componentes de outra cooperativa para a reunião de montagem. Eles estavam ali para elaborar uma proposta que a prefeitura preparasse o material de divulgação das cooperativas. Durante toda a tarde, discutia-se sobre a melhor forma de se falar e de se conscientizar as pessoas para a produção e coleta seletiva de lixo.

Encontrei “Seu” Joaquim alguns dias depois, quando estava trabalhando na esteira. Acredito que estava na minha melhor fase na prensa. Já havia assumido o comando; estava com total desempenho. Senti-me respeitada. Uma das cooperadas passou e mexeu comigo, dizendo-me que a esteira era lugar de emagrecer. Chegou “Seu” Rapadura. Ele é o cooperado responsável por limpar o terreno. Aproximou-se da esteira e pediu para Tiago cuidar de mim e não “judiar”. Logo o cheiro de cachaça que havia tomado contaminou o ar. Era poeira e cachaça. Segundo o coordenador da manhã, “Seu” Rapadura só enrola e bebe, mas limpar, que é bom, nada. O sino tocou. Procuro ser introduzida ao ambiente da cantina de forma espontânea. Dona Margarida levou-me para a fila. No cardápio da janta tinha arroz, feijão, *nugget* e chuchu. Na mesa das meninas, falamos sobre futebol. O futebol acontece aos sábados em uma quadra reservada para a cooperativa e é paga mensalmente. Homens e mulheres participam de alguma maneira. Também falamos sobre filhos.

“Aqui só tem mulher parideira”, uma delas disse. Na mesa, somente eu não tinha filhos. Mulheres fortes, mães de oito crianças na maioria. Ainda não foi dessa vez que fiquei até o final do turno, pois o local não é muito recomendável para se sair sozinha tarde da noite. Conclui as atividades, acompanhando um pouco mais as discussões do grupo de reunião com a presidente da cooperativa, Sr.^a Sônia, acerca do material de divulgação das cooperativas.

Anexo E:**Relato Visita – COOPERCAPs –****Etapa: 2 - visita junto aos cooperados - “Reunião do Comitê Fiscal”**

A reunião com o conselho fiscal ocorre uma vez por mês e tem como objetivo fiscalizar todas as contas da cooperativa. O conselho fiscal é formado por três componentes da cooperativa, que são treinados para seguinte averiguação documental:

- lançamento de notas: contém todas as notas de despesas lançadas (como comissão dos caminhões de coleta, compra de comida, cópia de material impresso etc);
- livro de contas – registros de lançamento do caixa (responsabilidade do “Seu Joaquim”);
- registros dos lançamentos – todos os lançamentos digitalizados (documento *Excel*);
- registros dos cooperados – todos os lançamentos dos cooperados (empréstimos, reembolsos etc);
- extratos de banco: todos os registros de desconto no banco Caixa Econômica, onde a cooperativa tem conta.

A orientação do comitê fiscal é identificar todas as possíveis irregularidades que possam constar nos registros de maneira que tudo que corresponde a determinado tema seja lançado em suas respectivas pastas. Todas as irregularidades devem ser ajustadas para não incorrer em prestações indevidas para a prefeitura nem para o livro da cooperativa.

Naquela ocasião, o comitê estava atrasado desde o mês de abril na conferência de documentos. Então, foi realizada uma convocação extraordinária dos cooperados para que fosse feita a fiscalização. A reunião continha sete pessoas e eu, como força tarefa, para a fiscalização de abril a outubro.

O local de reunião do comitê fica do outro lado do galpão, subindo as escadas em caracol. Um grande banco abriga os filhos dos cooperados que se trocam todos juntos para iniciar o turno. A sessão de escaninhos é protegida por uma espécie de

gaiola que isola o espaço entre eles e a área comum do vestiário. Ao fundo, ficam as cabines de banho. Normalmente, a maioria dos cooperados, no final do turno, tomam uma ducha e vão para casa, já arrumadas. Percebi que a caixa d'água fica logo acima, de difícil acesso, para uma possível limpeza, suponho.

Descemos juntas do refeitório eu e Dona Margarida começou a reclamar: “Onde estavam os beges recém comprados pela Tesoureira? Compraram 70 beges e eles não apareciam.” Alguns estavam nos fundos, em plásticos já selecionados, mas os outros não estavam à vista. “Sem beges, não fazemos produção na esteira”, reclamou Dona Margarida. Eles são fundamentais para que os materiais sejam levados para as prensas. Como fazer triagem sem ter onde depositar? A trama estava montada. O dilema também. Quando percebi que o grupo se dirigia para a reunião, entendi que seria uma grande oportunidade para conhecer o trabalho do grupo de fiscalização. E então fiquei na sala e me ofereci para ajudar. Assim, não participei do desfecho do drama dos beges.

Além dos beges, todos estão preocupados com o tempo também, pois está chegando o final do mês e ainda não estão com a cota de produção que precisam. Alguns cooperados aparentam estar nervosos com essa situação; outros, perdidos. Na produção, as lideranças são muito fracas e a divisão de trabalho é pré-estabelecida, de modo que as pessoas esperam que tudo esteja pronto para poderem trabalhar. Ser sócio de todos às vezes confunde a questão de cooperação.

A maioria, depois de encarar um turno na esteira pela manhã, não tinha mais energia para nada. “Vamos tomar café!”, um cooperado disse para animar. Assim, alguns se foram. Outros ficaram na reunião para concluir o trabalho. Fiquei controlando os lançamentos de notas com um dos cooperados e conferindo se estavam todos digitados na planilha do micro. Alguns poucos erros de lançamento de notas e outras não lançadas necessitavam de correção. Percebi que não era só o cansaço que enfraquecia o trabalho, mas também a falta de capacidade de leitura, de escrita. Ao notar isso, tive muito cuidado para não parecer melhor que os outros. Estava ali para trabalhar, e não para corrigir. E era o que deveria parecer.

Aproveitei para pegar alguns panfletos e o controle de produção que estavam disponíveis no armário.

Os controles utilizados no dia a dia, basicamente, são os seguintes:

Controle de produção:

> Confere o peso total de todos os produtos que foram prensados em determinado turno e suas observações relevantes. Realiza o cálculo de produção por pessoa/hora e o valor total por pessoa (esse controle é feito pelo coordenador do turno). (vide anexo 1)

Controle de prensagem:

> Mede somente os valores de prensagem por prensista. Cada prensista controla determinado material, seu respectivo peso e valor total. O controle, depois de preenchido, é assinado pelo prensista. (vide anexo 2)

Controle de triagem:

> Mede o peso do material que sai da esteira, chamado de peso do bigode. Mede o total de quilos e especifica o responsável pela triagem, assim como a data e o número da triagem. Ao ser entregue pelo prensista, o mesmo saberá o quanto aquele bigode contribuirá para o peso final na pesagem. Assim, saberá a previsão de prensagem. (vide anexo 3)

Demonstrativo de rateio:

> Mostra os valores totais de faturamento da cooperativa em determinado mês e os valores distribuídos por cooperado. Como o ganho é por produtividade, todos recebem o demonstrativo e podem comparar suas produções (vide anexo 4). O demonstrativo de rateio é utilizado nas assembléias para sensibilizar os cooperados em relação à necessidade de produção. A cooperativa conta com cento e quatro cooperados ativos e dez afastados. Cinquenta e dois cooperados ganham de setecentos a novecentos reais.

Após conferirmos o mês de maio, o sino toca para a janta. Sem avisar previamente minha estada, resolvo, discretamente, ir embora, pois normalmente não há comida sobrando.

LISTA DE FOTOS, EVENTOS, IMAGENS COOPERATIVA



Legenda: Sinalização da fachada da cooperativa.

COOPERATIVA DE COLETA SELETIVA
DA CAPELA DO SOCORRO



Legenda: logo original da COOPERCAPS.



Legenda: foto da equipe da cooperativa com os seus cooperados.

DIVULGAÇÃO E COLETA



Legenda: Processo de produção – captação de material – coleta modelo: rota “porta a porta”.

CENTRAL DE TRIAGEM



Legenda: foto esteira de triagem de material coletado. Processo de carregamento da esteira e trabalho de retirada e triagem.

CENTRAL DE TRIAGEM



Legenda: esquerda – Processo de triagem na esteira/ direita – beges carregados de material para seleção.



Legenda: 1 – Processo de prensa de papelão/ 2 – Material prensado/ 3- Foto do material saindo da prensa, recém-prensado/ 4 – Processo de empilhamento de material prensado para carregar o caminhão/ 5 - Estoque de material prensado.



Legenda: 1 – Processo de retirada da caçamba 2 – Processo de arrumação do material prensado para levar para empresa de reciclagem/ 3- Retirada do material do estoque para levar ao caminhão.



Legenda: 1 – Visita das escolas públicas do município: palestra de conscientização sobre a necessidade de reciclar o lixo. 2 – Oficina cultural: construção de material reutilizável a partir do lixo.

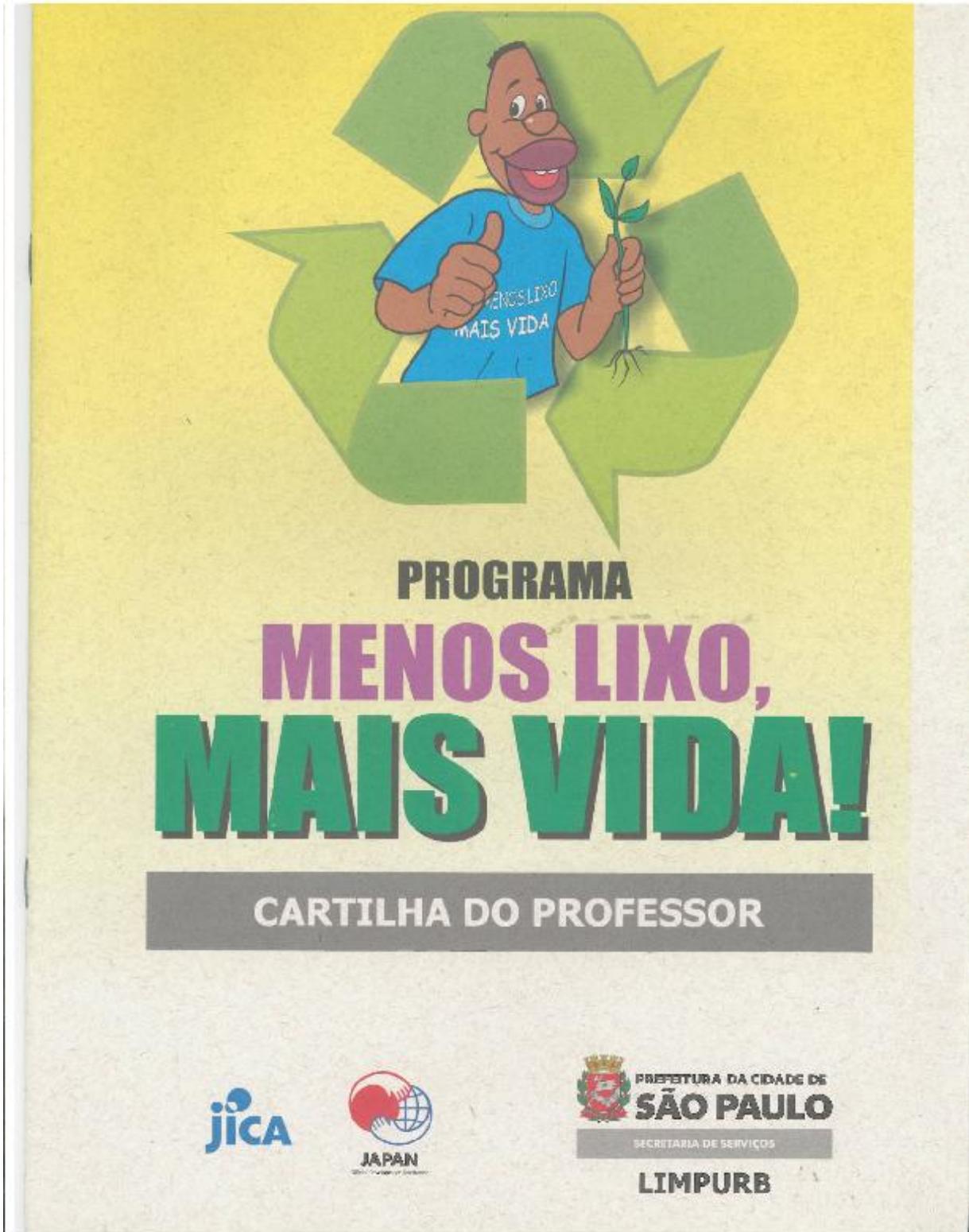


Legenda: 1 – material original (PVC virgem) 2 - Produção da oficina de arte, realizada com as crianças das escolas públicas municipais. Objetos de decoração e utilização no cotidiano.

TROFEU DA FORMULA I - 2009



Legenda: Troféu entregue à COOPERCAPS pela Braskem devido à parceria pela coleta seletiva no autódromo de Interlagos durante a corrida de Fórmula 1 – 2009.



Legenda: Modelo de cartilha que é entregue na cooperativa para visitantes e em campanhas de conscientização. São orientações e dicas para que o palestrante possa falar com os visitantes sobre a questão da reciclagem.

DEMONSTRATIVO DE RATEIO -SETEMBRO DE 2008

TOTAL DO FATURAMENTO	R\$	109.788,35
MATERIAL DE TERCEIROS	R\$	715,95
ENCARGOS SOBRE AS VENDAS	R\$	4.007,00
SUB TOTAL	R\$	105.065,40
10% Fundo CONTRATUAL P.M.S.P.	R\$	10.506,00
 Valor Bruto p/Rateio	 R\$	 94.559,40
 (-) DESPESAS		
INSS	R\$	8.910,00
CÓPIAS E ENCADERNAÇÕES	R\$	226,15
IMPRESSOS		
ALIMENTAÇÃO	R\$	3.879,43
DESPESAS C/CONTABILIDADE	R\$	1.245,00
MATERIAL DE ESCRITÓRIO/INFORMÁTICA	R\$	203,49
MATERIAL USO E CONSUMO	R\$	125,30
COMISSÕES E FRETE	R\$	1.374,27
E.P.I.S.		
CONDUÇÃO	R\$	156,60
REFEIÇÃO DE SERVIÇOS EXTERNOS	R\$	512,80
BRINDES E PRESENTES		
DESPESAS DIVERSAS	R\$	128,70
ALUGUEL TERRENO	R\$	700,00
ÁGUA E GÁS	R\$	299,93
TELEFONE	R\$	972,06
MATERIAL DE CONSUMO DA PRENSA	R\$	1.474,00
MATERIAL DE CONSERVAÇÃO E LIMPEZA	R\$	85,60
DESPESAS BANCÁRIAS	R\$	167,00
LEGALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS	R\$	325,00
IMPOSTOS E TAXAS	R\$	200,00
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	R\$	-
ASSESSORIA JURÍDICA	R\$	415,00
DESPESAS COM MEDICAMENTOS	R\$	4,80
 TOTAL DAS DESPESAS	 R\$	 21.405,13
 VALOR LÍQUIDO PARA RATEIO	 R\$	 73.154,27
 RATEIO/PRODUÇÃO	 R\$	 76.808,59
 DEFICIT	 R\$	 (3.652,32)

Legenda: Processo de produção: modelo de controle contábil dos gastos e valores de rateio para os cooperados. Nesse exemplo, os cooperados deveriam ratear R\$ 3.652,32, identificados como valor negativo do resultado da produção.

NOME DO PRENSISTA:				DATA:		
INÍCIO DOS TRABALHOS:			TÉRMINO DOS TRABALHOS:			
Nº	MATERIAL	PESO	PESO	PESO	TOTAL	R\$
01	PET CRISTAL					
02	PET COLORIDA					
03	PET MISTA					
04	PET ÓLEO					
05	PEAD BRANCA					
06	PEAD COLORIDA					
07	P.P BRANCO					
08	P.P-2					
09	P.S					
10	APARAS					
11	ARQUIVO					
12	JORNAL					
13	JORNAL					
14	REVISTA					
15	REVISTA					
16	PAPELÃO DE 1ª					
17	PAPELÃO DE 1ª					
18	CAIXARIA/MISTO					
19	CAIXARIA/MISTO					
20	TETRA-PAK					
21	PEAD ÓLEO/BOMBA					
22	LATAS ALUMINIO					
23						
24						
25	TOTAL					

OBSERVAÇÕES:	
PLÁSTICO-FARDO A COMPLETAR/MATERIAL	TOTAL KGS
PLÁSTICO -FARDO COMPLETADO -MATERIAL	TOTAL KGS

ASSINATURA DO PRENSISTA:

Legenda: processo de produção: modelo de controle de produção de cada cooperado por setor.

CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____
CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____
CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____
CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____
CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____
CONTROLE DE TRIAGEM DE _____ Nº _____ DATA ____/____/____ TOTAL DE KILOS _____ RESPONSAVEL PESAGEM _____

Legenda: Processo de produção: modelo etiqueta para controle de pesagem a ser posicionada em cada bigode.

1

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE SERVIÇOS E OBRAS
SECRETARIA DE PORTO E AEROPORTO - SESA

DIÁRIO DE UTILIZAÇÃO DE VEÍCULO LOCADO (ANEXO I) DATA: 06/02/10

PLACA: 072 8123

EMPRESA CONTRATADA: HIPLAN
NOME DO MOTORISTA: Jussara Alves dos Santos
VEÍCULO: Caminhão
FREQUÊNCIA:

Capacidade do Depósito no Camion de Tráfego: 7,00
Liberação inicial pelo Resp. da Cooperativa:

CIRCUITO	DESTINO (ENDEREÇO COMPLETO)	HORA DESTINO		KM DESTINO	ASSINATURA DO COOP
		CHEGADA	SÁIDA		
	Central de Tráfego - C. SOCORRO				
	C.F.B. INTERLAGOS				
	V. da PIAÇA				
	Av. OBRAS				
	Capitão João				

2

Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00
Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00

Assinatura do Motorista: Jussara Alves dos Santos
Assinatura Resp. Cooperativa: Jussara Alves dos Santos
CASHI DELEGADO A COORDENADORIA DE TRÁFEGO

2

Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00
Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00

Assinatura do Motorista: Jussara Alves dos Santos
Assinatura Resp. Cooperativa: Jussara Alves dos Santos
CASHI DELEGADO A COORDENADORIA DE TRÁFEGO

2

Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00
Nota Fiscal - Central Tráfego - 16,00

Assinatura do Motorista: Jussara Alves dos Santos
Assinatura Resp. Cooperativa: Jussara Alves dos Santos
CASHI DELEGADO A COORDENADORIA DE TRÁFEGO

Legenda: 1 - Processo de produção: modelo de diário de utilização de veículo lotado pela Hiplan para fins de controle de rota de caminhão na coleta seletiva do bairro (coleta porta a porta). 2- Nota de controle de pesagem fornecida no lixão de Interlagos, onde os caminhões param para a pesagem.



Legenda: Visita da ex-prefeita Marta Suplicy na cooperativa, em setembro de 2005. Apoio ao projeto liberação de concessão para legalização do funcionamento da cooperativa (o terreno da prefeitura foi cedido para fins de reciclagem).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**I - INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do Projeto: Catadores de Sonho.

O Projeto de pesquisa formulado a partir do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social tem como objetivo fazer uma leitura acerca do sentido da integração social pelo trabalho formal na iniciativa de projeto social da Cooperativa de Coleta Seletiva da Capela do Socorro (COOPERCAP) em São Paulo. Através da pesquisa qualitativa, foi possível analisar através do discurso dos sujeitos envolvidos se esta iniciativa representa um dispositivo para transformação e, portanto, integração deste sujeito a sociedade. Para tanto, partimos das referências relatadas nas histórias de vida dos sujeitos envolvidos que possibilitaram identificar categorias elegidas (noção de dignidade, transformação social e inclusão) e elegidas como matriciais fundamentais na relação com o fenômeno inclusão social.

Desta forma, o objetivo da pesquisa foi compreender, através desses discursos, se essa iniciativa social da cooperativa representou um movimento de mudança estrutural em uma geração de famílias ou se somente representou um dispositivo de ajustamento na trajetória da vida de um determinado sujeito.

A pesquisa foi desenvolvida através da metodologia da pesquisa participante, utilizando a análise de discursos das conversas cotidianas a partir da categorização destas conversas com os sujeitos relacionados ao fenômeno e a rede social da cooperativa.

O local de coleta de informação é o ambiente de trabalho dos sujeitos envolvidos, cooperativa COOPERCAPS, onde tive oportunidade de participar ativamente do ambiente de produção e trabalho em todos os turnos e setores da cooperativa; conhecendo as atividades e características do trabalho e da rede de relacionamentos na mesma, assim como, as condições relacionadas aos trabalhadores envolvidos. A contribuição da leitura que trazemos através dessa pesquisa contribui para melhor compreensão desta iniciativa social presente, como um suposto dispositivo de mudança estrutural na tendência de integração a cidadania e, portanto, compreender quais serão os caminhos concretos para potencializar iniciativas de inclusão para uma sociedade mais igualitária.

O sujeito de pesquisa não é identificado pela pesquisadora no documento da dissertação e em nenhuma situação. Podendo assim, se recusar a participar ou retirar o seu consentimento de participação na pesquisa, sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo. Os resultados finais da pesquisa serão disponibilizados para a cooperativa novamente caso haja interesse. Sendo assim, me comprometo a cumprir todas as etapas acima e zelar pela garantia de sigilo e segurança mencionada.

=====

Bianca Menezes Peixoto

(assinatura)

II- CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade

RG _____, abaixo assinado, autorizo a utilização dos dados obtidos na

Nas conversas com os pesquisados, por Bianca Menezes Peixoto, para fins de pesquisa de título:

Título do Projeto: Catadores de sonhos.

Declaro que tenho conhecimento sobre:

1. Qualquer publicação desse material excluirá toda informação que permita me identificar.
2. Como participante, posso encerrar minha participação no trabalho a qualquer momento que julgue necessário;
3. Os resultados da pesquisa me serão apresentados e, conforme meu interesse, comigo discutidos;
4. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos envolvidos.

São Paulo _____ de _____ de 200_____.

Assinatura do participante